
MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



PREDESTINAÇÃO EM CRISTO

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Ano da Mulher Adventista

Com justiça, 1995 foi escolhido como o “Ano da Mulher Adventista”, uma homenagem que já se fazia necessária há muito tempo. Embora só ultimamente esteja sendo muito divulgada uma verdadeira explosão da força feminina, através do Ministério da Mulher, e da Área Feminina da Associação Ministerial, Afam, ela sempre teve presença marcante nas atividades da Igreja, e essa demonstração de competência não é novidade nenhuma.

Que ministro ousou prescindir de sua colaboração? Antes, mais direcionadas às atividades de assistência social, cuidado de crianças, juvenis e jovens, ou música da igreja, as mulheres adventistas agora emergem como poderosas evangelistas em várias partes do mundo, inclusive o Brasil. Alvos de batismos de vários Campos têm sido recheados graças à participação feminina, o que, particularmente, não me surpreende. Nos dias de pastor distrital e evangelista, testemunhei que essa participação é indispensável e frutífera.

Aliás, sempre achei que, como líderes, vivíamos numa situação de débito de reconhecimento para com as mulheres. Para todas as grandes campanhas da Igreja elas foram chamadas a colaborar. Mas isso acontecia sempre com uma “pontinha” de cobrança, como se elas vivessem cômoda e voluntariamente à margem do processo. Se a mulher adventista não realizasse nada pela Igreja, já mereceria nossa mais constante e repetida gratidão pelo ministério que desempenha no lar. Especialmente em se tratando da esposa de um pastor, as responsabilidades se avolumam, com as ausências do esposo, com o dever de partilhá-lo com uma comunidade, sem falar nas incompreensões de que é alvo, às vezes.

Em Jesus, encontramos o exemplo maior de valorização e reconhecimento da figura feminina. Em Seu tempo, a mulher era considerada como um ser inferior em todos os pontos de vista. Os rabinos ensinavam que o judeu devia agradecer a Deus todos os dias por não ter nascido gentio, ignorante ou mulher. A mulher estava destinada ao fogão. Não tinha direito nem à escola, nem aos ensinamentos dos rabinos. Deus e a saúde não eram conseguidos senão por intermédio de seu pai ou de seu marido. Eram-lhe destinados os últimos lugares na sinagoga, atrás das grades. A todo instante era ameaçada pela arbitrariedade e pelos caprichos do marido, que podia repudiá-la. Ela era tida como irresponsável e não podia nem depor diante de um tribunal, nem herdar de seu pai ou de seu marido.

Cristo derribou as barreiras. Realizou milagres em favor de mulheres, sendo judeu dialogou com uma samaritana, reabilitou prostitutas, transmitiu instruções a Maria, denunciou a prática da carta de repúdio, reservada só ao marido e vedada à defesa da mulher e sua dignidade.

Como intérprete qualificado da vontade de Deus, Cristo, através de Suas palavras e Seu exemplo, reabilitou as mulheres e as colocou no mesmo nível que os homens – em sua dignidade total. Ele ultrapassou os limites da Sua época. Em Suas pegadas, Paulo, contrariando a oração cotidiana dos judeus, mencionada acima, escreveu: “Dessarte não pode haver nem judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” (Gál. 3:28).

O “Ano da Mulher Adventista” é mais uma oportunidade para a Igreja externar sinceramente seu reconhecimento e gratidão por tudo o que as mulheres têm feito, do que para cobrar-lhes participação.

Os relatórios mostram que elas estão participando, como sempre o fizeram, com rara competência. Algumas esposas de pastores talvez não apareçam como grandes pregadoras, instrutoras ou líderes. Nesses casos, será bom atentarmos para o ministério de êxito, desenvolvido pelo esposo. Aí, invariavelmente, será encontrada a sua marca. – *Zinaldo A. Santos.*

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 65 – Número 10 – Mar./Abr. 1995 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

2 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO
2 ANO DA MULHER ADVENTISTA
Zinaldo A. Santos

4 CARTAS

5 ENTREVISTA
5 O MUNDO EXIGE PASTORES ESPIRITUAIS
Luiz Nunes

9 ARTIGOS
9 SAL NA FONTE
Horne P. Silva

12 FREUD, ELLEN WHITE E A BÍBLIA
Adami A. da Rocha Gabriel

16 PREDESTINAÇÃO EM CRISTO
Almir A. Fonseca

20 A DÁDIVA DO ESPÍRITO SANTO
Luiz Antônio da Silva

22 O DESAFIO SUL-AMERICANO
Zinaldo A. Santos

24 FATORES DE CRESCIMENTO ESPIRITUAL
Nerivan F. Silva

26 PASTOR
26 COMO PASTOREAR CORDEIROS
Marenos Schmidt

30 AFAM
30 TRIBUTO A UMA ESPOSA
Kevin Wilfley

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

Diretor Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Chefe de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Elen G. Rodrigues; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefte Carvalho; Moisés Batista de Souza. **Capa:** Antônio Rios-MAC/Sérgio

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 — Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuf, SP.

2530

ARTIGOS INSPIRADOS

"Deus sempre Se serve de Seus fiéis arautos, para a proclamação das verdades que são necessárias ao coração dos que exercem o sacerdócio em Sua causa entre os homens.

"Creio na inspiração divina que se evidencia em cada artigo publicado na revista MINISTÉRIO." – João V. Kuntze; orientador educacional em Florianópolis, SC.

PARABÉNS E SUGESTÃO

"Parabenizo, através desta, a revista MINISTÉRIO, principalmente o elucidativo artigo do Pastor Horne P. Silva, intitulado 'Ungindo com óleo' (Jul./Ago. 94).

"Também gostaria de sugerir que fosse dedicada uma página à localização de obreiros. Quem sabe, um ou dois Campos por edição. Muitos colegas 'desaparecem' com o decorrer dos tempos." – Antônio Lima Corrêa Júnior; pastor distrital de Arapoti, PR.

FÃ DA AFAM

"Antes de qualquer coisa, quero desejar aos editores de MINISTÉRIO um feliz 95, com saúde, paz e as bênçãos de Deus.

"Está em minhas mãos a última edição

de 1994, cujo tema de capa – 'Pedro, o pregador' – apreciei muitíssimo. Não só ele. Gosto da revista inteira, do começo ao fim. Adoro ler a primeira página, 'De Coração a Coração', e sou fã da 'Afam', que neste número tratou das 'Influências que permanecem'. Assim como Timóteo teve Paulo, e Rute teve Noemi, segundo o artigo, posso dizer que tenho em vocês, de MINISTÉRIO, uma influência permanente.

"Só fiquei triste porque neste bimestre não foi registrada nenhuma correspondência. Será que são poucos os leitores?

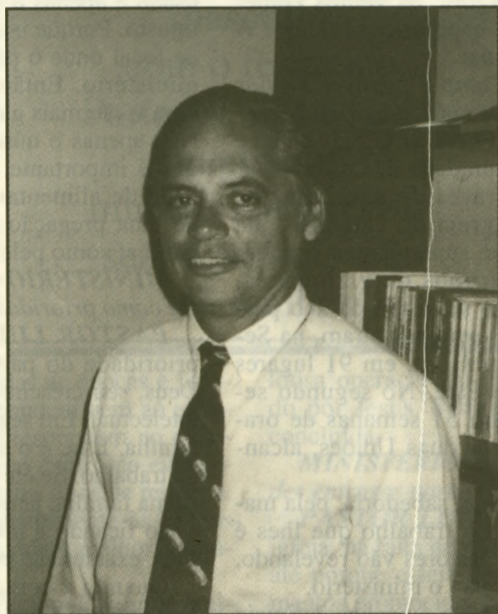
"Oro para que esta revista continue tão boa como está." – Levino Bueno de Camargo; Barra do Chapéu, SP.

Muito obrigado, por suas palavras, irmão Levino. Contamos com suas orações para continuarmos fazendo nosso melhor, em benefício dos leitores da revista. Aliás, os leitores são muitos, e têm demonstrado também apreciação pelo conteúdo apresentado. Fazem-no oralmente, em todos os lugares por onde temos andado. Também gostaríamos que escrevessem mais para a revista.

Que Deus o abençoe ricamente.

Os editores.

O mundo exige pastores espirituais



Nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1941, o Pastor Luiz Nunes, já formado em Letras pela Universidade Gama Filho, de sua cidade, cursou a Faculdade de Teologia no ENA, concluindo-a em 1974. Em seguida, assumiu o distrito da Igreja Central de Natal, onde permaneceu até 1977, sendo transferido para a Igreja Central do Recife. Em 1981, foi nomeado evangelista e secretário ministerial da Missão Nordeste, funções que desempenhou também na Missão Mineira Central (1983 e 1984) e na União Norte-Brasileira (1985 a 1987). Fez parte da primeira turma do curso de Mestrado em Teologia, em 1984. Foi chamado para ser professor de Evangelismo no Salt-Iaene, em 1988, e há um ano é o seu diretor.

Casado com Maria do Socorro Godinho Nunes, professora de piano no Iaene, tem três filhos: Alexandre e Sara, gêmeos; e Leonardo, concluinte do curso teológico. Numa pausa entre uma matéria e outra, no curso de doutorado, que faz atualmente, no Salt, campus central, falou à revista **MINISTÉRIO:**

MINISTÉRIO: *Após um bom período atuando na "linha de frente", como se sente dirigindo uma instituição teológica?*

PASTOR LUIZ NUNES: Esta tem sido, indubitavel-

mente, uma experiência muito satisfatória, em termos de realização pessoal. É, também, uma oportunidade que representa uma grande honra, poder acompanhar o crescimento e amadurecimento de jovens que futuramente estarão formando a mentalidade da Igreja

MINISTÉRIO: *Como está o Salt-Iaene, na atualidade?*

PASTOR LUIZ NUNES: No momento, o Salt-Iaene está passando por uma fase de transição. Alguns professores foram chamados para outras funções, e os novos vivem um período de formação teológica a fim de que exerçam, de forma definitiva, a liderança na sala de aula. Todos eles capazes de oferecer o melhor, na tarefa de preparar futuros pastores. O número de alunos chega a 254. A última turma de formandos teve 54 alunos.

MINISTÉRIO: *Há lugar para todos os que se formam?*

PASTOR LUIZ NUNES: Sempre há lugar. "A seara é grande." A falta de recursos é sempre mencionada como razão para não se chamar um teologando. Mas, às vezes penso que a questão se prende mais à prioridade de aplicação dos recursos. Eles existem. Alguns Campos financeiramente bem situados não chamaram nenhum formando. Então, repito, se os meios forem canalizados para esse fim, o problema será resolvido. Não desconheço que o país passou por uma fase economicamente instável. Agora, os ventos começam a soprar mais esperançosamente. A situação tende a mudar.

MINISTÉRIO: *Como é possível avaliar a vocação pastoral de um seminarista?*

PASTOR LUIZ NUNES: O Salt oferece ao estudante a oportunidade de desenvolver suas habilidades, através do envolvimento nas atividades da igreja do Colégio e na Missão Iaenense, que supervisiona o trabalho nas igrejas e grupos da vizinhança. Aliás, só no primeiro semestre do ano passado, os teologandos evangelizaram, na Semana Santa, 9.144 pessoas, em 91 lugares das Uniões Norte e Este. No segundo semestre, eles dirigiram 51 semanas de oração, em igrejas dessas duas Uniões, alcançando 5.817 pessoas.

Então, pelo interesse, sabedoria, pela maneira como realizam o trabalho que lhes é indicado, os futuros pastores vão revelando, ou não, sua vocação para o ministério.

MINISTÉRIO: *Como o senhor definiria o perfil de um pastor, para um mundo de tantas e tão rápidas mudanças?*

PASTOR LUIZ NUNES: Primeiramente, é indispensável a comunhão com Cristo. Depois, ele deve ser um homem apegado à Palavra de Deus. Que veja o mundo e o avalie através dos princípios da Bíblia. Dessa forma, em todo o tempo, o pastor estará atento às mudanças históricas, sociais e econômicas do mundo, para o qual deve apresentar uma mensagem que satisfaça às suas necessidades.

No currículo do curso teológico do Iaene, foi incluída uma matéria que trata especificamente da formação espiritual do aluno. Não devemos pressupor que o teologando já chegue ao Seminário espiritualmente completo. Por isso, o objetivo dessa matéria é ajudá-lo a crescer. O mundo hoje exige pastores altamente espirituais.

MINISTÉRIO: *O senhor concorda com os métodos comumente usados para avaliar o pastor?*

PASTOR LUIZ NUNES: Se o método usado é apenas o número de batismos, ele é injusto. Porque isso está muito condicionado ao local onde o pastor está exercendo o seu ministério. Então, é preciso que se tenha uma visão mais global do trabalho do pastor. Não apenas o número de pessoas batizadas, que é importante; mas também sua capacidade de alimentar o rebanho, tanto através de uma pregação poderosa, essencialmente bíblica; como pelo trabalho de visitação.

MINISTÉRIO: *O que o senhor apontaria como prioridades do trabalho pastoral?*

PASTOR LUIZ NUNES: A primeira prioridade do pastor é sua comunhão com Deus, seu crescimento pessoal – espiritual e intelectual. Em seguida, vem o atendimento à família. Esse é o seu primeiro grande campo de trabalho. Se ele não for um bom missionário na família, jamais o será fora dela. Muitos estão ficando à margem das fileiras ministeriais, exatamente por terem falhado aqui.

Quando a comunhão com Deus e o relacionamento com a família estiverem num

bom nível, então o pastor estará pronto a trabalhar eficientemente pela igreja. Apresentará à igreja o resultado de sua vida com Deus. Nutrirá bem o rebanho e será poderoso na tarefa de conquistar novos membros.

MINISTÉRIO: *Por falar em família, como o senhor vê a ascensão do Ministério da Mulher?*

PASTOR LUIZ NUNES: O Ministério da Mulher vem preencher

uma necessidade muito grande na Igreja, porque à mulher cabe um papel fundamental na Igreja e na sociedade. A imagem de

O método de
avaliar o pastor só pelo
número de batismo,
não é justo.
É preciso que se
tenha uma visão
mais global do
trabalho ministerial.

Deus no homem é a fusão do sexo masculino com o feminino. Portanto, não se pode imaginar um ministério completo sem a participação da mulher. Há tarefas que são específicas da mulher, no próprio ministério, das quais o homem jamais se desincumbiria de forma tão eficiente como ela o faz. O papel feminino na Igreja é relevante.

MINISTÉRIO: *O evangelismo tradicional está morrendo?*

PASTOR LUIZ NUNES: O evangelismo tradicional não está morrendo. Estão surgindo novos métodos de fazer evangelismo, adequados a novas situações e lugares diferentes. O evangelismo é dinâmico. Não se pode determinar um método como definitivo para todas as épocas e lugares. Há regiões que respondem bem ao evangelismo pessoal, outras respondem ao evangelismo público, e mesmo dentro do evangelismo público, há diferentes tipos de resposta. Uns respondem satisfatoriamente às longas campanhas, outros respondem melhor a campanhas curtas, etc.

O evangelismo tradicional, como qualquer outro método, tem o seu lugar.

MINISTÉRIO: *Como o senhor avalia o Projeto Missão Global?*

PASTOR LUIZ NUNES: A Missão Global é o maior desafio da Igreja Adventista nos últimos anos, que é o de evangelizar as regiões não alcançadas e fazer crescer os lugares já estabelecidos. Se alcançarmos esses objetivos, teremos feito um grande trabalho. Estabelecer uma igreja em áreas não alcançadas, significa, por exemplo, implantar 12 igrejas em países como a Arábia Saudita, entre outros. É um enorme desafio.

MINISTÉRIO: *Quão próxima o senhor imagina a volta de Cristo, à luz da nossa marcha missionária?*

PASTOR LUIZ NUNES: De fato, entre o desafio que temos diante de nós e o que foi e está sendo realizado, há uma distância muito grande quando pensamos em conclusão da nossa tarefa de pregação do evangelho.

Diariamente nascem 300 mil pessoas. E convertem-se, diariamente, ao cristianismo, 78 mil pessoas. Na Igreja Adventista, são batizadas diariamente cerca de 1.700 pessoas.

Para batizarmos esse número, por dia, necessitaríamos evangelizar pelo menos dez vezes mais indivíduos. A realidade é que existe uma distância muito grande entre o número de pessoas que nascem e o número de pessoas evangelizadas. Aproximadamente 250 mil pessoas nascem todos os dias, no mundo, que não são alcançadas pelo evangelho. Humanamente falando, estamos muito longe. Mas não devemos esquecer da maravi-

A imagem de Deus
no homem é
a fusão do sexo
masculino
com o feminino.
Portanto, não se pode
imaginar um
ministério completo
sem a participação
da mulher.

lhosa operação do Espírito Santo, prometido por Jesus. Sem Ele, a missão não será concluída.

MINISTÉRIO: *A seu ver, quais os grandes entraves para o andamento da missão?*

PASTOR LUIZ NUNES: Da parte da igreja, há falta de maior envolvimento, talvez até porque esteja sendo motivada por argumentos promocionais e metodológicos, quando deveria ser com argumentos teológicos.

Do ponto de vista da liderança, o entrave maior é o peso burocrático institucional. A Igreja precisa ser mais ágil em suas decisões, a fim de que os recursos cheguem de forma mais rápida ao seu destino, ou seja, aos membros e aos que estão na linha de frente.

MINISTÉRIO: *Uma reforma na estrutura administrativa ajudaria?*

PASTOR LUIZ NUNES: Meu ponto de vista é o seguinte: quando a Igreja formulou o princípio da departamentalização e da criação das Uniões, estas tinham o objetivo de partilhar autoridade. A departamentalização visava a concentração de autoridade, que era dispersa em diversas Associações, para a Mesa Administrativa de cada Campo. Na época, éramos apenas 78 mil membros. Hoje, somos cerca de oito milhões. De lá para cá, foram criadas as Divisões que são extensão da Associação Geral. Mas, apesar

disso, creio ser necessário um reestudo da atual estrutura, a fim de ver até onde ela está sendo funcional. Mas isso cabe à Associação Geral, juntamente com especialistas.

MINISTÉRIO: *A Associação Ministerial está cumprindo o seu papel?*

PASTOR LUIZ NUNES: A Associação Ministerial tem a seu encargo o cuidado do pastor em todas as áreas, especialmente a mediação entre ele e a administração. O secretário ministerial vela pelo bem-estar da vida ministerial e familiar do pastor. A meu ver, está muito difícil o cumprimento desse papel, devido ao número cada vez maior de pastores, no Brasil. É preciso que haja um homem exclusivamente indicado para essa tarefa, a fim de que o atendimento seja eficiente.

MINISTÉRIO: *É geralmente aceito que a função administrativa não casa com a função de ministerial. Concorda com isso?*

PASTOR LUIZ NUNES: O ministerial é um defensor do pastor, diante da administração. Um advogado do pastor. Não que a administração esteja colocada como uma executora inquisitória do pastor. Mas ela é o organismo da Igreja que contrata ou dispensa pastores, por exemplo. Por isso, não cabe muito bem a um administrador, cuja função é executiva, exercer o trabalho de atendimento ministerial. *

MINISTÉRIO: *Há alguma coisa que lhe preocupe, como sendo uma ameaça à unidade da Igreja, ou à sua integridade doutrinária?*

PASTOR LUIZ NUNES: Aqui no Brasil, uma tal ameaça é insignificante. Fora do Brasil, possivelmente haja algumas discussões internas que, seguramente, se avolumarão na próxima assembléia da Associação Geral.

Alguns se preocupam com a Nova Era, um movimento gnosticista que vem afetando todas as camadas sociais. Mas, sua influência na Igreja Adventista ainda é muito pequena, especialmente aqui no Brasil.

Devemos, no entanto, estar alertas quanto ao perigo do secularismo. O perigo da institucionalização. Crescemos tanto institucionalmente, que corremos o perigo de perder o

sentido de missão. Mas esclareço que as instituições não representam um mal em si mesmas. O problema surge apenas quando elas são tratadas ou vistas como um fim, e não um meio de cumprir a missão.

Não devemos esquecer, todavia, que em 150 anos de história, o adventismo já enfrentou muitos desafios, vencendo-os todos. Deus está ao leme. A Igreja continuará sua marcha vitoriosa, apesar das lutas. A Igreja Adventista continua sendo a Igreja remanescente, com uma missão específica de dar uma mensagem ao mundo, conforme Apocalipse 14. Não podemos perder isso de vista, caso contrário estaremos perdendo nossa razão de existir. Sua vitória é certa.

MINISTÉRIO: *Num tempo como o atual, que temas o senhor acha que deveriam ser mais enfatizados, diante da igreja?*

PASTOR LUIZ NUNES: O tema que deveria ser pregado sempre, pois é a antiga necessidade de todos nós, é o tema da Justificação pela Fé. Esse assunto, por si só, devidamente compreendido e vivido pela Igreja, dará o poder necessário para a terminação de nossa tarefa de pregação do evangelho.

MINISTÉRIO: *Parece haver, por parte de algumas pessoas, uma preocupação de se separar Cristo das doutrinas, atualmente. Como o senhor vê isso?*

PASTOR LUIZ NUNES: É impossível separar doutrinas da Palavra de Deus, da pessoa de Cristo. Cristo é o centro de todas as doutrinas. Não há litígio entre doutrinas e

Cristo. Pensar dessa forma, traduz falta de entendimento sobre qual ou quem é o centro da verdade bíblica, que é a pessoa de Cristo.

MINISTÉRIO: *Seu recado final para os leitores.*

PASTOR LUIZ NUNES: Minha mensagem é no sentido de que todos nós, pastores, anciãos e líderes da Igreja, procuremos mais e mais profundamente e seriamente, na

Bíblia, o grande tesouro escondido que é Jesus Cristo. Jesus, como nossa justiça. Jesus, como a fonte do nosso poder. Jesus, como nossa santificação vindoura, e como Aquele que há de vir com poder e glória buscar Sua Igreja e Seus filhos.

**A Igreja Adventista
continua sendo a
Igreja remanescente, com
uma missão específica
diante do mundo. Se
perdermos isso de vista,
perdemos nossa razão de
existir.**

Sal na fonte

HORNE P. SILVA

*Ex-professor de Teologia, jubilado,
reside em São Paulo.*

Os homens da cidade disseram a Eliseu: Eis que é bem situada esta cidade, como vê o meu senhor, porém as águas são más, e a terra é estéril. Ele disse: Trazei-me um prato novo, e ponde nele sal. E lho trouxeram. Então saiu ele ao manancial das águas, e deitou sal nele; e disse: Assim diz o Senhor. Tornei saudáveis a estas águas; já não procederá daí morte nem esterilidade. Ficaram, pois, saudáveis, aquelas águas até ao dia de hoje, segundo a palavra que Eliseu havia dito.” (II Reis 2:19-22).

Jericó estava numa situação de necessidade desesperadora. Alguém então sugere que o profeta estaria em condições de ajudar, e Eliseu recebe a primeira solicitação de serviço, desde que Elias fora levado para os Céus. Certamente Eliseu se sentiu naturalmente apreensivo. O povo, provavelmente, estava preocupado sobre como o jovem profeta enfrentaria suas crescentes responsabilidades.

Vários séculos antes desse acontecimento, Jericó havia sido destruída. Josué tinha amaldiçoado as circunvizinhanças da ímpia cidade cananita. A despeito de ser todo o Vale do Jordão “como o jardim do Senhor” (Gên. 13:10), Deus proibira a reedificação de Jericó naquele sítio (Josué 6:26). Qualquer um que tentasse reconstruir a cidade sofreria graves calamidades.

Contestações

Por cinco séculos e meio, os homens conformaram-se com a proibição divina. Todavia, nos dias de Acabe, todas as restrições divinas foram colocadas à parte. É assombroso como a rejeição da vontade divina, por parte de um homem, pode fermentar como lêvedo. Com Acabe, muitos se afasta-

ram do Senhor e de Sua Palavra. A capciosa pergunta feita por Satanás, no Éden – “É assim que Deus disse?” –, era freqüentemente usada durante o reinado de Acabe. “Será que atualmente o Senhor quer dizer que a cidade não deverá ser reconstruída?”, alguém perguntava. Outro retrucava: “Não pensa você que essa restrição de não reedificar Jerusalém, era aplicável somente naqueles tempos passados?” “Os tempos mudaram, vivemos numa geração diferente”, alguém acrescentava. “O que era aplicável então é irrelevante hoje”, muitos concordavam.

Se tivéssemos vivido nos dias de Eliseu, provavelmente ouviríamos o povo conversar dessa maneira, acerca das recomendações de Deus, e em especial acerca de Jericó. Em nossos dias, quando ouvimos semelhantes argumentações, uma luz vermelha deveria piscar em nossa mente, como um alerta. Por trás delas, Satã se encontra. Não nos deixemos enganar, embora ele possa estar vestido como um anjo. Esta é sempre a maneira como ele trabalha.

Qualquer questionamento da validade das Escrituras e sua aplicação à vida humana, deve ser rechaçado. Paulo já alertava para este perigo: “Mas ainda que nós, ou mesmo um anjo vindo do Céu vos pregue evangelho que vá além... seja anátema.” (Gál. 1:8).

Durante o reinado de Acabe, sempre eram lançadas dúvidas sobre tudo o que tinha a ver com o que era errado ou direito. A autoridade de Deus era questionada e lançada de lado de maneira arrogante. Cada exigência era investigada numa atitude de espírito crítico. Muitos dos mandamentos de Deus eram ignorados. Restrições e praxes que habilitariam o povo de Israel a prosperar, eram desprezados.

A narrativa inspirada nos informa que um homem chamado Hiel, um rebelde betelita, começou a edificar Jericó (I Reis 16:34).

Morador do lugar chamado “a casa de Deus”, no entanto esqueceu-se de Deus e se propôs a desafiar e desfazer a ordem divina, dada havia mais de cinco séculos. Segundo a profecia, quando alguém lançasse a pedra fundamental da nova cidade, o seu primogênito morreria e à custa do mais novo colocaria as portas (Josué 6:26). Hiel ignorou a predição. No fundamento da cidade, morreu o seu filho mais velho, chamado Abirão. Hiel continuou desafiando o Senhor. E quando ele completou as muralhas e fechou as portas da cidade, seu último filho, chamado Segube, morreu (I Reis 16:34).

Do amargo ao doce

Quão tolos somos nós quando nos desviamos dos comandos divinos! No fim, o que imaginamos ser vantajoso realmente constitui-se nossa destruição. Contudo, existem muitos que continuam neste caminho de rebelião.

Apesar da advertência de Deus, muitas famílias se mudaram para a reconstruída ci-

dade de Jericó, antiga cidade amaldiçoada. Ali existiam vários problemas. Havia uma nascente e as suas águas corriam através da moderna cidade. No tempo de Eliseu, as águas eram más, imprestáveis para serem bebidas. E mais, exerciam um efeito maléfico sobre o solo, tornando-o estéril.

Tão logo a terra era semeada, a semente morria. O relato sagrado nos diz que a “terra é estéril”. Os animais morriam famintos.

A localidade de Jericó hoje é chamada de Tell-es-Saltan. Seu povo foi então ao profeta Eliseu, em busca de ajuda, dizendo que a “cidade das palmeiras” era magnificamente bem situada (Deut. 34:3). E ainda é. Um exuberante oásis. Desde o Sul e Sudeste, o deserto se estende para as margens ao Norte do Mar Morto. Ao Leste, as férteis montanhas de Moabe; e para o Oeste, as altas e áridas montanhas da Judéia. As cercanias da cidade de Jericó eram e ainda são um deserto.

A resposta de Eliseu foi imediata: “Tra-

zei-me um prato novo e ponde nele sal”, ele sugeriu, e foi prontamente atendido. “Então saiu ele ao manancial das águas, e deitou sal nele; e disse: Assim diz o Senhor: Tornei saudáveis a estas águas; já não procederá daí morte nem esterilidade. Ficaram, pois, saudáveis aquelas águas até ao dia de hoje, segundo a palavra que Eliseu havia dito.”

Eliseu lançou o sal sobre as águas, mas foi o Senhor quem as tornou saudáveis. O profeta não exibiu nenhum poder pessoal. Ele rendeu glória ao Senhor misericordioso, que nos ajuda apesar de nós mesmos, com nossas rebeliões. Quando Ele cura e abençoa, abençoa e cura para sempre. Águas saudáveis continuam ainda hoje a correr em Jericó.

Várias são as lições que podemos tirar desse episódio. O prato novo, o sal, a nascente, todos altamente simbólicos. Segundo comentário de Ellen White, “lançando sal no manancial amargo, Eliseu ensinava a mesma lição espiritual dada séculos mais tarde pelo Salvador a Seus discípulos, quando declarou: ‘Vós sois o sal da Terra.’ O sal misturando-se com a fonte poluída purificou suas águas, e levou vida e bênção onde antes havia sequidão e morte. Quando

Deus compara Seus filhos ao sal, Ele deseja ensinar-lhes que Seu propósito em fazê-los súditos de Sua graça é que possam tornar-se instrumentos na salvação de outros” (*Profetas e Reis*, pág. 231).

Três coisas foram combinadas para trazer um resultado agradável e feliz: 1) o meio que Deus sugeriu, 2) as di-

retrizes do profeta e 3) o poder de Deus.

Enche-me de satisfação pensar acerca das implicações desta narrativa. Para mim, a situação de Jericó é uma parábola da vida. Um bonito exterior é, freqüentemente, capa que esconde uma vida interior pecaminosa.

Vivemos num mundo que está debaixo da maldição do pecado. Somos admoestados por Deus a olhar para além do presente e não construirmos aqui nenhuma cidade. Porém, construímos. Semelhantemente a Hiel, ignoramos a Palavra de Deus, desafiando a vontade divina. Mas apesar de nosso pecado e rebelião, o senhor está sempre pronto a responder ao nosso clamor por auxílio.

A graça do Espírito
deve ser
completamente
misturada à nossa
personalidade e
aos nossos
pensamentos.

Um prato novo

Eliseu pediu aos homens de Jericó que providenciassem para ele um vasilhame novo. Nada havia de especial naquele prato. Era simplesmente um artigo caseiro, feito de barro comum, queimado por algumas horas numa fornalha. Quando quebrado, é atirado fora sem nenhuma consternação. É comum encontrar-se nas vilas do Oriente Médio, pilhas desses vasos quebrados, de séculos atrás. Um prato de barro não é valioso pelo que ele é, mas pela utilidade que tem, e isso é o que realmente importa.

O profeta foi imediatamente atendido. Trouxeram-lhe um prato novo, que ainda não havia sido usado, isto é, “dedicado somente ao senhor”. Devotado somente para a tarefa de carregar o sal para o fim designado.

Sal e graça

Usado largamente com funções preservativas e de dar sabor aos alimentos, o sal é descrito como símbolo da graça salvadora de Deus. “O sal salvador é a justiça de nosso Redentor”, escreveu Ellen White. (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 424). Semelhantemente “o Espírito de Cristo... é comparado com o sal, por causa de suas qualidades preservativas”. O Espírito Santo está pronto a morar conosco, se Lho suplicamos. Jesus prometeu enviar uma outra Pessoa como Ele mesmo (João 14:16), para fazer-nos Seu templo. Quando o Espírito toma posse de nós, Ele nos tempera com a natureza divina e preserva-nos puros até a vinda de Cristo. Guia os nossos passos nos caminhos retos, trazendo-nos à lembrança as palavras do Senhor Jesus Cristo, ensinando-nos as coisas que devemos saber.

Como o sal, a graça do Espírito deverá permear todo o nosso ser. Não é suficiente falar, cantar, ou mesmo orar acerca da graça do Espírito Santo. O que é sumamente importante é a nossa aceitação voluntária de Sua presença transformadora em nosso coração. Ele deve tornar-Se parte de nós e nós dEle.

O ferreiro na sua tarefa diária, prepara as ferraduras para os cavalos. Coloca um pedaço de ferro na forja. O fole acende os carvões. O fogo aquece o ferro e os carvões tornam-se rubros. E então, o ferro e os carvões se tornam da mesma cor e temperatura. O ferro está no fogo e o fogo no ferro. Assim deve ser com o coração que é penetrado pelo

Espírito Santo. Estamos nEle e Ele em nós.

Eliseu tomou o sal num vaso simples e saiu para a fonte. Aparentemente não havia nenhuma indicação de poder miraculoso em suas mãos. Na fonte, o profeta colocou sal. Não o colocou no riacho. Se suas águas deveriam tornar-se puras, essa purificação deveria ser na fonte, na nascente. Assim é a nossa vida. Sua transformação deve ser na fonte, no interior, no mais íntimo recesso de nossa alma. O poder preservador da graça divina deve começar sua ação no centro do ser. “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração”, Deus adverte, “porque dele procedem as fontes da vida” (Prov. 4:23).

O Senhor fez um veemente apelo ao Seu povo, dizendo: “Lava o teu coração da malícia, ó Jerusalém, para que sejas salva! Até quando hospedarás contigo os teus maus pensamentos?” (Jer. 4:14)

Para obter alguma coisa real e durável, o sal do Espírito deverá permanecer no coração pecador e permeá-lo. Então a vida será preservada do poder corrosivo do pecado, e cheia do sabor celestial.

A fonte de nossa alma deve ser temperada com a graça do Espírito. Então, e somente então, os objetivos e resultados de nossa vida serão de acordo com a vontade de Deus. A graça do Espírito deve ser completamente misturada à nossa personalidade e aos nossos pensamentos. Nenhuma parte de nossa mente pode ser livre de Sua orientação. Não deve haver nenhum pensamento, nenhuma ambição, nenhum plano, nenhuma filosofia de vida, sem o sabor e a preservação do Espírito divino.

Foi assim com o nosso Salvador: “Toda a verdadeira obediência vem do coração. Deste procedia também a de Cristo. E se consentirmos, Ele por tal forma Se identificará com os nossos pensamentos e ideais, dirigirá nosso coração e espírito em tanta conformidade com o Seu querer... A vontade refinada, santificada, encontrará seu mais elevado deleite em fazer o Seu serviço.” (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 642).

Sem o sal da graça do Espírito, o riacho da vida continuará a ser amargo e sem esperança. Devemos permitir que a presença e o poder do Espírito Santo inundem o nosso coração, diariamente. Então experimentaremos a transformação tão necessária em nossa vida, e que nos possibilitará repartir doçuras a outros.

Freud, Ellen White e a Bíblia

ADAMI A. ROCHA GABRIEL

Pastor, professor do IAE-São Paulo,
e estudante de Psicologia

Pode parecer algo profano pensar na possibilidade de que exista algum paralelo entre Sigmund Freud, famoso psicanalista do passado, Ellen White e a Bíblia. Contudo, aqueles que podem permitir-se nesta aventura acabarão encontrando que há muitos pontos em comum; mesmo porque toda verdadeira ciência caminha rumo à comprovação dos grandes princípios já antes anunciados pela Revelação. No dizer de um psiquiatra cristão, “toda descoberta científica correta foi criada por Deus, tendo apenas sido descoberta por homens estudiosos, que chamamos de cientistas”.¹

Nesta incursão, precisamos entender primeiro que Ellen White “não escrevia como psicóloga. Não empregava a terminologia comumente usada hoje na área da Psicologia... O leitor inteligente, porém, ficará profundamente impressionado com a incomum intuição quanto aos princípios básicos de psicologia evidenciados por estes escritos”.²

Este artigo não pretende esgotar toda a gama de conceitos da Psicanálise; e, por isso, escolhemos o tema básico em torno do qual giram todos os grandes princípios sobre os quais essa ciência é fundamentada. Assim, analisaremos o inconsciente.

Ao apresentar o pensamento de Ellen White, utilizaremos porções de seus escritos sobre a saúde mental, notadamente o livro *Mente, Caráter e Personalidade*, para onde remeteremos o leitor mais cuidadoso, a fim de compreender o contexto de suas citações. Outrossim, buscaremos alguns textos bíblicos, muito úteis para o entendimento dos conceitos apresentados.

Inconsciente na Psicanálise

Talvez o inconsciente seja a principal descoberta de Freud. Outros pensadores, anteriores a ele, falaram sobre o assunto,

mas foi Freud quem delimitou esse termo, colocando-o no uso corrente do pensamento filosófico contemporâneo. Mesmo nas outras abordagens sobre a personalidade, surgidas depois de Freud, utiliza-se esta divisão da mente – consciente-inconsciente –, ainda que seu objeto de estudo seja o consciente, ao contrário da Psicanálise que tem o inconsciente como objeto de estudo.

Mas, o que se entende por inconsciente? “Para Freud, o inconsciente é uma região psíquica especial, onde estão os desejos, os dados do nosso passado, lembranças de todo tipo, impulsos e sentimentos vários.”³ Ou seja, “qualquer processo mental, cujo funcionamento pode ser deduzido do comportamento de uma pessoa, mas ao qual essa pessoa continua estranha, sendo incapaz de o examinar e relatar”.⁴

Não temos acesso a tudo o que queremos, na hora que desejamos. Fatos, acontecimentos e sentimentos são esquecidos ou tornados inconscientes. Este inconsciente pode se manifestar através de sonhos, atos falhos, sintomas físicos sem lesões orgânicas, sintomas mentais como angústias e depressões.

É importante notar que o conteúdo do inconsciente não é estático, mas dinâmico, e participa de nossa vida em todos os seus aspectos, tais como atitudes, pensamentos, escolhas e decisões. Segundo o psiquiatra adventista, Dr. César Vasconcellos Souza, “muito do que fazemos, do que escolhemos (cônjuge, profissão, etc.) é motivado por fatores inconscientes”.⁵

Freud postulou dois princípios de funcionamento mental: o **princípio do prazer** e o **princípio da realidade**.⁶ Falando resumidamente, o princípio do prazer é aquele que rege o inconsciente. Ele busca alcançar prazer e fugir do desprazer, da frustração; é dominado pelas pulsões, ou impulsos, que buscam uma satisfação imediata pelos cami-

nhos mais curtos, sem levar em consideração qualquer padrão cultural, social ou religioso. É um afastamento da realidade, já que não a leva em conta. É o que, na linguagem popular, dizemos a respeito do indivíduo que vive “no mundo da lua”, da fantasia.

Por outro lado, o princípio da realidade, como o próprio nome já diz, é onde a realidade consciente é levada em conta. Não é uma inibição desta busca de prazer, mas procura garantir um prazer seguro, dentro dos padrões da realidade sociocultural do indivíduo. É um princípio regulador “onde a procura de satisfação já não se efetua pelos caminhos mais curtos, mas faz desvios e adia o seu resultado em função das condições impostas pelo mundo exterior”.⁷

O trabalho de análise se propõe a trazer o conteúdo do inconsciente para o consciente, onde se acha a volição. É um processo mais de tomada de consciência e autoconhecimento do que de cura. Esta seria o resultado da decisão após a tomada de consciência. O indivíduo submetido a um processo de análise tem a vontade fortalecida, como se diz no jargão da psicanálise: um *eu* forte. O inconsciente é impulsivo, fonte de todo impulso; e qualquer indivíduo que não aceite a sua existência é o que mais sofre sua influência. Seu *eu* é fraco; está debilitado.

Ao contrário, a pessoa que sabe ser influenciada pelo seu inconsciente procurará conhecer os mais profundos motivos e irá trazê-los à consciência, podendo, somente então, fazer uso de sua razão para, através de um ato da vontade, decidir sobre os impulsos vindos do inconsciente.

Em Ellen White e na Bíblia

ASra. Ellen White reconhecia que o conteúdo do inconsciente está presente, de forma bem dinâmica, todo o tempo na vida psíquica do indivíduo. Eis uma de suas declarações a esse respeito: “As primeiras lições impressas na criança, raras vezes são esquecidas... as impressões feitas

no coração, no princípio da vida, são vistas em anos posteriores. Podem estar sepultadas, mas raras vezes serão obliteradas.”⁸

No texto bíblico existem alusões aos pecados por ignorância, por desconhecimento da consciência, “por inadvertência, inadvertidamente, descuidadamente, sem pensar”⁹ (Lev. 4), e atos ocultos ou por esquecimento (Lev. 5). Mas o texto que mais claramente toca no conceito de inconsciente é o de Provérbios

20:5, que diz: “Os pensamentos de uma pessoa são como água em poço fundo, mas quem é inteligente sabe como tirá-los para fora.” (BLH).

Um problema que muitos enfrentam com a Psicanálise é a idéia de que o homem é um ser impulsivo, ou dominado pelos impulsos. Como cristãos, podemos dizer que o ser humano não é impulsivo, mas que ele *passou a ser* assim, por causa da entrada do pecado em sua experiência. Nossa natureza pecaminosa é impulsiva e dominadora. Paulo a chamou de a “lei do pecado” que habita em nossos membros (Rom. 7). É a nossa ação dando-nos conta de que existe algo guerreando contra a nossa mente consciente.

Alguns cristãos ouviram dizer que Freud liberou os impulsos, daí a onda de pansexualismo. Tais pessoas, muito provavelmente, jamais leram uma palavra sequer acerca de seu trabalho. Uma leitura desprovida de preconceitos do texto freudiano mostrará que isso é uma interpretação errônea de seu pensamento. Ele orientou no sentido de liberarmos os impulsos através da fala, por 50 minutos, numa seção terapêutica, sob a orientação de um analista, mas foi entendido como se tivesse dito para liberarmos os impulsos pelo comportamento, o tempo todo, em qualquer lugar.¹⁰ Devemos ser honestos com o texto original.

Ellen White afirma que podemos ser libertados “das paixões e impulsos humanos”, e “vencedores de suas inclinações”. Todo aquele que é humano tem impulso. Para sermos vencedores de nós mesmos, é necessário admitir que existe um *eu* que briga consi-

go mesmo. Em linguagem psicanalítica, é a luta do *eu* contra o *isso* e o *acima-do-eu*.¹¹ “Se não podeis controlar vossos impulsos, vossas emoções, segundo o desejais, podeis controlar a vontade, e assim se operará em vossa vida uma mudança completa.”¹²

Se o princípio da realidade estiver forte, então poderemos controlar o princípio do prazer, colocando-o sob o domínio da vontade.

“Muitos que não professam o amor de Deus controlam o espírito em considerável medida, sem o auxílio da graça especial de Deus. Cultivam o domínio próprio. Isto representa na verdade uma exprobração aos que sabem que, de Deus, podem obter força e graça, e todavia não exibem as graças do Espírito.”¹³

Muitos cristãos e não cristãos, que passaram ou passam por um processo analítico, encontram-se na situação descrita acima. “Cultivam o domínio próprio”; estão em condições de decidirem, ou não, por Cristo. Mas existem aqueles, mesmo dentre os cristãos, que por negarem o processo mental inconsciente, são dominados por sua força impulsiva, fazem todo tipo de esforços e penitências para vencê-las e não conseguem; não chegam ao ponto de se renderem a Cristo, reconhecidos de sua impotência e colocarem a vontade nas mãos do Mestre. Isso seria a única coisa que poderiam fazer, e é aquela que Cristo não fará sem nossa autorização. O conselho que Ele nos dá é: “Não deves demorar em examinar rigorosamente o próprio coração”.¹⁴ “Muitos se perderão enquanto esperam e desejam ser cristãos. Não chegam ao ponto de render a vontade a Deus. Não escolhem agora ser cristãos.”¹⁵

Não é estranho que o ser humano seja um ser impulsivo, uma vez que existem impulsos para o bem e para o mal. Ambos são produto do inconsciente. Contudo, “Cristo é a fonte de todo bom impulso”.¹⁶

O uso que Ellen White faz de termos como “paixão”, “propensão”, “impulso”, etc., é às vezes adjetivado, mos-

trando assim que em seu pensamento esses termos, em si mesmos, não são qualificativos. Por isso, é errôneo dizer ou pensar no sentido de que se se trata de impulso, então é mau, ruim e pecaminoso. Não podemos dizer que *toda* paixão seja condenável. Ela usa qualificativos como “vis”, “animalescas”, “concupiscentes”, “depravadas”, “corruptas”, etc., quando deseja condenar. Deveríamos estar atentos ao uso das palavras, para não cobrirmos algo como preconceituoso, por simples falta de conhecimento. Esta é uma peça que não raro o inconsciente nos prega, quando não estamos cientes do motivo inconsciente de nossos preconceitos.

As seguintes citações comprovam isso:

“Deus requer que controleis não só os pensamentos, mas também vossas paixões e afeições. ... A paixão e as afeições são agentes poderosos. ... Resguardai positivamente vossos pensamentos, vossas paixões e vossas afeições. ... Elevai-as até à pureza, dedicai-as a Deus.”¹⁷ Aqui ela usa a palavra “paixão” como sentimento forte e profundo, que pode ser para o bem ou para o mal.



“Toda propensão animal deve ser sujeita às faculdades mais altas da alma.”¹⁸

Os compiladores de seus escritos fizeram o seguinte comentário sobre esses trechos:

“No mesmo contexto no qual são usadas algumas das expressões fortes acima referidas, ela insta que as paixões devem ser controladas por aquilo a que ela chama ‘faculdades mais altas, mais nobres’, ‘razão’, ‘restrição moral’ e ‘faculdades morais’. Ela escreve sobre temperança e moderação, e sobre o evitar excessos. No matrimônio, essas paixões comuns a todos os seres humanos devem ser sujeitas ao controle, devem ser dominadas.”¹⁹

Conclusão

O inconsciente é regido pelo princípio do prazer, como uma criancinha malcriada e manhosa que diz: “eu quero isto, deste jeito, e quero já.” O princípio da realidade, que rege a consciência, por sua vez, soa como que a dizer: “tudo bem, calma, vamos verificar se agora é a melhor hora e se este é o melhor jeito; mas fique tranqüila, vou garantir o seu prazer de maneira que seja mais seguro.”

Como foi dito acima, a principal função do *eu* é canalizar as energias vindas do inconsciente a fim de que sejam devidamente descarregadas, ou seja, é o *eu* que se encarrega de garantir um prazer genuíno e seguro. Ellen White diz que “as afeições juvenis devem ser refreadas, até chegar o período em que a idade suficiente e a experiência tornarão honrosa e segura a sua manifestação”.²⁰ Podemos ver aí um paralelo com a Psicanálise.

Gostaria de acrescentar que creio na Bíblia como sendo a Palavra de Deus, e que Ellen White foi inspirada por Ele. Todo o conteúdo da Bíblia e do Espírito de Profecia é verdadeiro. Mas algumas verdades não estão claramente reveladas na Bíblia ou no Espírito de Profecia. No entanto, toda verdade vem de Deus. Às vezes Ele usou ateus para descobri-las. Algumas dessas verdades foram descobertas mesmo por “um judeu ateu e que falou a respeito de sexo”.²¹

No passado, Ele usou indivíduos e povos pagãos para cumprimento de Seus propósitos. É só recordar a experiência de Ciro, Dario, Assuero, Nabucodonosor, e da Assíria. Enquanto estiveram sob a ordem divina foram Seus instrumentos.

As considerações acima são suficientes para que o leitor possa familiarizar-se com a incomum intuição quanto aos princípios básicos de psicologia, evidenciados pelos escritos de Ellen White.

Referências

1. Machado, R. Cardoso, *Psicoterapia Centrada na Bíblia*, Rio de Janeiro, Juerp, 1993, pág. 13.
2. White, Ellen G., *Mente, Caráter e Personalidade: Guia para a Saúde Mental e Espiritual*, Tatuí, CPB, 1989, Prefácio.
3. Souza, César Vasconcellos, *A teoria psicanalítica, (Vida e Saúde*, junho de 1986), pág. 25.
4. Cabral, Álvaro & Nick Eva, *Dicionário Técnico de Psicologia*, São Paulo, Cultrix, 1992.
5. Souza, César Vasconcellos, *Op. Cit.*, pág. 26.
6. Freud, S. *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*, (Obras Completas), vol. XII, Rio de Janeiro, Imago, págs. 273-286.
7. Laplanche, Jean, *Vocabulário da Psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes, 1992, págs. 364 e 368.
8. White, Ellen, *Op. Cit.*, pág. 149.
9. Nichol, Francis D., *SDABC*, Washington, DC, R.H., 1978, vol. I, pág. 728. Convém salientar que na teoria psicanalítica, o “sem pensar”, “descuidadamente”, “esquecimento” é um “ato falho”; portanto, uma manifestação do inconsciente.
10. “A cautelosa abordagem de Freud tem sido despreitada ou esquecida em muitos setores, e passou a ser popularmente suposto que a Psicanálise advoga uma liberdade irrestrita, não através da fala em isolamento, durante um período estritamente limitado de tempo, mas através de um comportamento sem restrições durante o tempo todo e em todas as situações, sem levar em conta o caos que isso poderá acarretar para a vida do próprio indivíduo e para a vida dos outros. Como a Psicanálise revelou as conseqüências mutiladoras de uma excessiva repressão, passou-se a supor que a Psicanálise defende a ausência de todos os controles. Como ela requer que ‘se solte tudo’ – embora por uns 50 minutos diários e sob a orientação de um terapeuta especialmente treinado e digno de confiança, que protegerá o paciente de ir longe demais ou depressa demais no desvendamento do inconsciente – passou a supor-se que a Psicanálise advoga ‘despejar tudo o que está reprimido’ em qualquer lugar e a todo momento. Assim, ‘conhece-te a ti mesmo’ converteu-se em ‘faz o que te apetece’.” (Ver Bettelheim, Bruno, Freud e a Alma Humana, São Paulo, Cultrix, 1990, pág. 31.
11. Não se usa mais Id, Ego e Superego, por ser uma má tradução, além do que tais termos nunca foram utilizados por Freud.
12. White, Ellen, *Op. Cit.*, pág. 123.
13. *Idem*, pág. 125.
14. *Idem*, *idem*.
15. White, Ellen, *Caminho Para Cristo*, Tatuí, SP; CPB, 1987, pág. 48.
16. *Idem*, pág. 26.
17. White, Ellen, *Mente Caráter e Personalidade*, vol. I, págs. 218 e 219.
18. *Idem*, pág. 219.
19. *Idem*, *idem*.
20. *Idem*, pág. 221.
21. Shafer Vernon W., *O Cristão e a Psicanálise*, Bise, vol. III, nº 2, novembro/93, pág. 46.

Predestinação em Cristo

ALMIR A. FONSECA

*Ex-editor de MINISTÉRIO, jubilado,
reside em Tatuí, SP.*

Uma definição de predestinação diz que, “em sentido amplo, predestinação é a predeterminação do desígnio ou fins específicos universais de Deus; e, em sentido mais restrito, é a decisão eterna, tomada nos insondáveis conselhos de Deus por um decreto imutável, de reservar certo número de indivíduos para a salvação eterna, chamada de escolha, e certo número deles para a destruição eterna, denominada de rejeição”.¹

Esse conceito de predestinação é encontrado em muitos teólogos, mesmo aqueles que são considerados reformadores e, principalmente, Calvino. Um biógrafo desse reformador resume o seu pensamento, dizendo que ele considerava todos os homens merecedores do inferno, e que “a maioria deles vai para lá”. É somente pela graça de Deus, “e não pelos atos dos homens, que uns poucos são mandados para o Céu. São os eleitos, escolhidos por Deus, na Sua sabedoria, muito antes de nascerem. Têm por destino glorioso, sem que nenhuma virtude sua concorra para tal, o serem bafejados pelo sorriso de Deus”,² escreve o biógrafo.

O mesmo escritor, que talvez não seja dos mais confiáveis, continua dizendo que Calvino recomendava aos seus discípulos não cruzarem os braços, só porque a recompensa ou o castigo de um homem depende de um poder exterior. Dizia-lhes que ninguém pode saber se é eleito ou não, a não ser por um sinal interior de Deus. Cada indivíduo devia esperar esse sinal enquanto visse. A esperança do sinal interior devia levar cada homem a viver corretamente.

O Dr. Herbert Kiesler, autor de recente publicação editada pelos adventistas,³ explica como o conceito de dupla predestinação foi introduzido na Igreja Cristã, tomando-se uma questão séria. Agostinho (354-430), Bispo de Hipona, no Norte da África, ensinava que Deus só concede Sua graça aos eleitos, ou seja, àqueles que devem receber o Seu imerecido favor, de acordo com a Sua decisão arbitrária. Tal graça é irresistível; portanto, os eleitos serão salvos. Os que não são assim es-

colhidos, continuam em seus pecados, e estão condenados para sempre. Kiesler explica, ainda, que Lutero e Calvino adotaram esse conceito de predestinação, no século dezesseis.

Com o esclarecimento adicional de que na questão que estamos examinando “os adventistas do sétimo dia são arminianos”, o Dr. Herbert Kiesler lembra quem foi Jacques Arminio (1550-1609), um célebre teólogo holandês, que combateu vigorosamente a doutrina da predestinação, defendida por reformadores que o antecederam. Cada indivíduo, segundo Arminio, recebeu o poder de escolher ou rejeitar a Cristo. Os que, de acordo com a previsão de Deus, rejeitaram a Cristo, foram destinados para a morte. A graça e a justiça de Deus são concedidas aos que escolhem crer.

Em Jesus Cristo

Essa maneira de procurar resolver o tão delicado assunto da predestinação satisfaz, até certo ponto, as inquietações que ele apresenta. Não há dúvida de que é tranquilizador saber que Deus, em Sua onisciência, tinha já conhecimento de quem deveria crer em Cristo, e de quem deixaria de aceitá-Lo. Isso, entretanto, ainda se confunde um pouco com o ensino calvinista, segundo o qual a pessoa poderá ouvir o evangelho e até interessar-se pela sua mensagem, mas não será salva, pois está predestinada para a perdição.

Por esse motivo, há, na Epístola aos Efésios, algo que, acreditado, poderá solucionar a questão. De acordo com esse ponto de vista, nada muda no plano da salvação. Deus continua sendo onisciente como sempre foi, Cristo é, ainda, o mesmo Salvador do homem, e este possui, como desde o momento em que foi criado, o direito de escolha.

Em que consiste, então, a solução apresentada por Paulo aos efésios? Esta se encontraria não no homem, mas em Cristo. Isto é, não é o homem a pessoa escolhida, mas nosso Senhor Jesus Cristo. Ele foi a pessoa escolhida para efetuar a salvação da

raça humana, antes da fundação do mundo. Em lugar de uma escolha caprichosa da parte de Deus, em que uns são aceitos em detrimento de outros, a escolha repousa sobre Cristo Jesus; e, aos indivíduos, é facultado o direito de aceitar ou não o Seu sacrifício.

A Epístola aos Efésios está fundamentada, basicamente, em duas palavras, a saber, a expressão “em Cristo”. O apóstolo Paulo usou essa expressão mais de vinte vezes, só nessa carta, para falar das bênçãos com as quais fomos abençoados (1:3). Às vezes essa expressão é substituída pela contração da preposição *em* com o pronome pessoal da terceira pessoa do singular *Ele*, mas se subentende com facilidade que o escritor está falando de Cristo. Assim, quando ele diz que Deus “nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; como também nos elegeu nEle antes da fundação do mundo”,⁴ está utilizando as duas formas que mencionamos acima. Excepcionalmente, Paulo chama a Jesus de Amado (1:6), e diz que nEle (o Amado) Deus nos fez agradáveis a Si.

Pois bem, usando uma dessas maneiras de expressar-se, Paulo fala, primeiramente, de escolha: “Como também nos elegeu nEle antes da fundação do mundo” (v. 4). E, junto com a eleição, fala (v. 5) sobre predestinação. Dessa forma, a eleição e predestinação tornaram-se realidade em Cristo antes da fundação do mundo. Nós sequer existíamos, mas Cristo já existia; e nEle se tornaram realidade escolha e predestinação. Quer dizer, Ele fora escolhido e predestinado para efetuar a salvação; e os que, utilizando-se de seu direito de escolha, O aceitam, são salvos; o mesmo não acontecendo com aqueles que O rejeitam. Assim sendo, ninguém é escolhido; mas o próprio indivíduo é quem escolhe ou rejeita a si mesmo, quando aceita ou rejeita a salvação que lhe é oferecida.

É provável que essa maneira de encarar a predestinação, nos deixe um tanto incosuos, visto estarmos acostumados com a forma tradicional de examiná-la. Poderemos perguntar como nos é possível estar certos de que as coisas funcionam dessa maneira. O próprio uso da expressão “em Cristo”, relacionado com outras bênçãos de que fala o apóstolo, que nos foram concedidas, contribui para melhor compreensão do assunto.

Em Efésios 2:6, por exemplo, Paulo fala das mudanças que sofremos, ao passarmos da condição de mortos em nossos delitos, para o estado de vivificados. Declara ele que Deus nos res-

suscitou juntamente com Cristo e “nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus”.

A expressão “lugares celestiais” aparece três vezes na Epístola aos Efésios (1:3; 2:6; 6:12). Há diferentes interpretações quanto ao verdadeiro local no qual estariam situados esses lugares celestiais, achando uns que é no Céu, e outros que é aqui mesmo na Terra, onde temos que lutar contra “os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade”.

Contudo, segundo o capítulo 2:6, os lugares celestiais são o lugar onde Cristo está assentado, e onde Deus nos fez assentar também. Observemos que o contexto nos fala dos três passos seguidos por Deus, em relação a Cristo: vivificação, ressurreição e entronização. Segundo Paulo, acompanhamos a Jesus nestes três passos. E onde foi Jesus entronizado, depois de vivificado e ressuscitado? Por certo, no Céu. O capítulo 1:20 diz exatamente isso. Diz que Deus ressuscitou dos mortos a Jesus e O fez assentar à Sua direita nos Céus.

Ora, nenhum de nós, por mais espiritual que se considere, haverá de imaginar que já se encontra em pessoa nos Céus, onde Cristo Se acha neste momento. Concluirá, porém, que ali está “em Cristo”. Isto é, deduzirá que, em tendo aceito a Jesus como seu Salvador pessoal, e nEle tendo depositado suas esperanças de vida eterna, mantém essa fé e essas esperanças firmadas em Cristo, onde quer que Ele esteja. E, como Ele Se encontra à direita de Deus nos Céus, ali também estamos. Nosso Senhor Se tornou o nosso representante junto ao trono do Pai. Pessoalmente, poderemos estar a grandes distâncias de onde Ele Se acha; mediante a fé nEle, porém, estamos presentes nos lugares celestiais.

Com respeito à predestinação, o raciocínio é o mesmo. Somos predestinados para a salvação, porque Cristo o foi, antes que o mundo existisse. Sem que O aceitemos pela fé, não adquirimos essa predestinação. Não somos melhores do que quaisquer outros indivíduos.

Se observarmos bem, é exatamente isso o que os mais belos e confortadores versos bíblicos, como João 3:16 e Tito 2:11, querem dizer. Esses dois versos nos ensinam a universalidade do plano salvador de Deus. “Todos os homens” são favorecidos por Deus com o direito à salvação por meio de Cristo Jesus. Como diz Paulo, escrevendo aos colossenses,⁵ grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, servo e livre todos são nivelados em Cristo.

Na defesa que faz da justificação pela fé, Paulo salienta essa igualdade do homem, no

que tange à sua falta de justiça. “Não há diferença”, argumenta ele, “porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”.⁶ Ele declara que a justiça de Deus só se torna possível “pela fé em Jesus Cristo”. E é precisamente essa fé em Jesus Cristo, o qual Se encontra assentado junto ao trono de Deus, depois de ter feito expiação pelos nossos pecados, o que nos torna predestinados para a salvação. A fé “em Cristo”, um Ser predestinado por Deus para efetuar a nossa salvação, predestina também o que nEle crê.

Videira e varas

Jesus explicou aos discípulos, por meio de uma conhecida figura, o efeito de alguém estar nEle, ou de estar dEle separado.⁷ Após dizer-lhes que estivessem nEle, explicou-lhes que da mesma forma que “a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira”, assim também eles se não estivessem nEle. E acrescentou: “Eu sou a videira, vós as varas.”

Na alegoria da videira, o fruto é uma consequência de o ramo estar ligado ao tronco. Separada deste, a vara ou ramo não pode continuar apresentando o verdor e fruto. Logo murchará, e estará pronta para ser consumida pelo fogo. O mesmo acontece com aquele que não está em Cristo. Com certeza perecerá.

A predestinação que nos vem pelo fato de termos sido escolhidos por Deus em Alguém a quem Ele escolheu, também é uma consequência. É a consequência de estarmos em Cristo. Como o fruto deve continuar no ramo, recebendo os nutrientes, até que esteja maduro e pronto para ser colhido, o crente deve estar em Cristo até o seu amadurecimento espiritual, ou até que Cristo venha buscá-lo em Seu retorno.

Pelo fato de ser a videira que determina as características do fruto, poderá parecer que seja também Deus quem escolhe e predestina o indivíduo. Contudo, a condição para que haja fruto e para que este possua os seus característicos, é estar na videira. Para o crente, a condição é estar em Cristo. A escolha e a predestinação não lhe pertencem por direito; são-lhe atribuídas porque o foram a Cristo, antes que o mundo existisse, e só aceitando a Jesus em nEle permanecendo, é possível alcançá-las.

Qualquer que seja o estágio do processo salvífico do homem, sempre terá que ser alcançado em Cristo. O que se poderia chamar de “produto final”, não depende mais do concurso dessas duas palavras, do que as fases intermediárias pelas quais todo o proces-

so deve passar. A escolha e a predestinação à sombra das quais estivermos finalmente abrigados, deverão ter sido fruídas em Cristo, do mesmo modo que outra qualquer etapa de nossa experiência religiosa.

Em conclusão a várias explicações dadas aos cristãos de Corinto, o apóstolo Paulo usou estas palavras que inúmeras vezes têm sido recitadas por aqueles que amam ao Senhor: “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.”⁸

Na batalha que se trava para fazer com que “as coisas velhas” se tornem fatos do passado, freqüentes são as derrotas, quando o empenho é feito por esforço pessoal. Em Cristo, porém, desponta a nova criatura. E se esta não se afastar do caminho que leva à vida, desfrutará da bênção da eleição que lhe é assegurada na pessoa de Cristo Jesus.

Jesus, o Eleito

Como foi dito, os eleitos e predestinados o são porque Jesus foi eleito antes deles. Tal afirmação possui base bíblica. Muitas passagens das Escrituras o dizem, tanto no Antigo como no Novo Testamento, e vale a pena lembrar algumas delas.

Além do texto de Efésios, citado no início dessas considerações, e que afirma ter Deus nos escolhido em Cristo antes da fundação do mundo, podemos mencionar por exemplo a citação que o apóstolo Pedro faz do livro de Isaías, em I Ped. 2:6: “Pelo que também na Escritura se contém: Eis que ponho em Sião a pedra principal da esquina, eleita e preciosa; e quem nela crer não será confundido.” Esse mesmo texto, lembrado aos judeus pelo próprio Cristo como uma referência a Ele, fala a Seu respeito como a Pedra escolhida. Para com Deus, Jesus era a Pedra eleita e preciosa.

“Com infinita sabedoria, escolheu Deus a pedra fundamental, e a colocou Ele mesmo. Chamou-a ‘firme’. O mundo inteiro pode depor sobre ela seus fardos e pesares; pode suportá-los a todos... Cristo é uma ‘pedra já provada’. Aqueles que nEle confiam, Ele nunca decepcionará. Suportou todas as provas. Resistiu à pressão da culpa de Adão e da de sua posteridade, e saiu mais que vencedor dos poderes do mal. Tem suportado os fardos sobre Ele lançados por todo pecador arrependido. Em Cristo tem encontrado alívio o coração culpado... Todos quantos fazem dEle sua confiança, descansam em segurança perfeita.”⁹

Grande estudioso das profecias messiânicas, o evangelista Mateus cita, como cumprimento de uma dessas predições, o que escreveu Isaías, mais de setecentos anos antes de Cristo: “Eis aqui o Meu Servo, que escolhi, o Meu Amado, em quem a Minha alma se compraz; porei sobre Ele o Meu Espírito, e anunciará aos gentios o juízo.”¹⁰ Por certo, essa escolha de Deus não se limita ao tempo, apenas, mas à eternidade também. Não diz respeito só à ocasião em que Jesus aqui esteve, mas a toda a Sua existência. Foi uma escolha feita antes da fundação do mundo.¹¹

Ao falar aos atenienses sobre a necessidade de arrependimento por parte de todos os homens, o apóstolo Paulo justificou o apelo que fazia: “porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo por meio do Varão que destinou: e disso deu certeza a todos, ressuscitando-O dos mortos.”¹²

A ressurreição de Cristo, segundo Paulo, era como se fosse o recibo passado por Deus a todos os homens, garantindo-lhes que havia destinado a Jesus para julgar o mundo. Jesus está destinado ou escolhido por Deus a fim de julgar o mundo – uma escolha que se deu, por certo, antes da fundação do mundo, que irá julgar.

Assim, esse Jesus que foi escolhido por Deus “com infinita sabedoria”, e de quem Deus deu “certeza a todos, ressuscitando-O dos mortos”, certeza de que O destinou para julgar o mundo, tornou-Se Aquele em quem se tomam eleitos e predestinados todos os que crêem. O evangelista João, depois de ter vivido com Jesus vários anos e ter entendido como poucos o fizeram o problema de estar ou não “em Cristo”, decide a questão: “Quem crê nEle não é condenado; mas quem não crê já está condenado.”¹³

É preciso lembrar, portanto, que a predestinação é uma consequência; não um ato caprichoso de Deus; não é uma imposição daquele que nos trouxe a este planeta, mas o resultado de uma decisão de nossa parte ao aceitarmos o plano da redenção.

Sem contradições

Naturalmente, poderá surgir a indagação: E o que fazer com tantas declarações bíblicas que afirmam que Deus escolhe os que irão estar no Seu reino? Não dizem as Escrituras que foi Deus quem endureceu o coração de Faraó, e que os irmãos Esaú e Jacó se portaram como o fizeram por interferência divina?

As declarações bíblicas que tratam da eleição efetuada por Deus, não são incompatíveis

com a eleição e predestinação “em Cristo”. As Escrituras são coerentes. Se foi Deus quem escolheu a Cristo, para que nEle os indivíduos, mediante decisão pessoal, tornem-se escolhidos ou não, tudo acontece como se Deus estivesse escolhendo tais pessoas. Além do mais, o fato de colocar Deus todos os meios à disposição do ser humano, para que este aceite o convite de Sua misericórdia, torna-O, de certo modo, o responsável pela eleição. O homem, porém, é quem decide.

Com relação a Faraó, é bom lembrar que o Egito faz parte do globo terrestre, palco no qual ocorreu o drama da cruz. Faraó poderia ter crido no evangelho pregado através de símbolos. Bem que o sangue do Cordeiro lhe foi oferecido, como a todos os israelitas e egípcios da sua época; mas foi rejeitado. A eleição “em Cristo” não encontrou nele resposta positiva.

“O endurecimento do coração de Faraó se tem provado problema obcecante, se não real pedra de tropeço, para muitos leitores da narrativa vetero-testamentária. Tem-se pressuposto que Deus endureceu o coração de Faraó e, então, justamente, puniu-o por seu empedernimento.

“Entretanto, dever-se-ia observar, primeiro, que se diz que Deus endureceu o coração de Faraó, diz-se também com igual clareza que Faraó endureceu o próprio coração. Segundo, Deus estava operando à base de leis naturais e o coração de Faraó foi endurecido como consequência de suas decisões e ações livres, desafiantes e cruéis.”¹⁴

Ficam aqui, portanto, essas considerações sobre o polêmico assunto da predestinação. Que não tenham servido para aumentar as dúvidas já existentes; antes, sejam elas uma contribuição aos que têm estado a indagar qual a situação em que se encontram.

Referências:

1. *Chaff-Herzog Encyclopedia*, vol. IX, pág. 191.
2. Henry Thomas, *Vidas de Grandes Capitães da Fé*, pág. 139.
3. *Lição da Escola Sabatina*, 4º Trimestre de 1990, pág. 108.
4. Efésios 1:3 e 4.
5. Colossenses 3:11.
6. Romanos 3:22 e 23.
7. João 15:4 e 5.
8. II Coríntios 5:17.
9. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 4ª Edição, págs. 245 e 246.
10. Mateus 12:18.
11. João 17:24.
12. Atos 17:31.
13. João 3:18.
14. Charles R. Erdman, *Comentários de Romanos*, pág. 115.

A dádiva do Espírito Santo

LUIZ ANTÔNIO DA SILVA

Diretor do DMI da Missão Baixo-Amazonas

O mundo dá mostras de fadiga social, política e econômica. Diante de nós, cumprem-se rapidamente os sinais da volta de Jesus, e esse acontecimento sempre é apresentado como condicionado à conclusão da missão de pregar o evangelho. Que deve fazer a Igreja diante de tal constatação?

Parte da história da Igreja primitiva mostra que a resposta a essa pergunta é simples. Refiro-me aos dias que sucederam à morte de Cristo. Decepcionados com a humilhante morte de seu Senhor, os discípulos entregaram-se ao desapontamento e desânimo, pois “quando Jesus foi crucificado, eles não creiam que ressurgisse” (*Atos dos Apóstolos*, pág. 25). Estando eles reunidos no cenáculo, Jesus lhes apareceu e com palavras animadoras os resgatou da decepção, dando-lhes uma missão. Persistiu, porém, um vazio, pois não bastava a convicção do dever; necessitavam de poder para fazer o evangelho penetrar o coração de pessoas arraigadas no pecado e no erro.

O materialismo crescente, a crueldade das classes dominantes, as barreiras lingüísticas e o exclusivismo religioso dos judeus criavam obstáculos humanamente intransponíveis ao evangelho. Mas, apesar de tudo, os discípulos tinham uma missão e não podiam fracassar.

O exemplo israelita

O desastre na tentativa de tomada de Ai, muitos anos antes, ilustra bem o perigo diante do qual os discípulos agora se encontravam. Após a destruição de Jericó, os israelitas, cheios de confiança própria e desconsiderando os desafios, partiram com um pequeno exército para tomar aquela cidade. Poderia ter sido uma grande

vitória, mas não foi assim. Eles, no dizer de Ellen White, “deixaram de compenetrar-se de que somente o auxílio divino lhes poderia dar êxito” (*Patriarcas e Profetas*, pág. 521).

Nessa e em outras muitas ocasiões, o povo escolhido provou o gosto amargo de confiar em si mesmo. A história não poderia repetir-se com os discípulos de Cristo, e para que isso não ocorresse, eles “precisavam receber o dom celestial” (*Atos dos Apóstolos*, pág. 31). Jesus não os deixou sair apressadamente, sem a capacitação do Espírito Santo. A ordem foi dada: “Eis que envio sobre vós a promessa do Meu Pai, permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder.” (Luc. 24:39).

Entendendo a mensagem

Como Igreja, estamos diante de desafios tão grandes quanto os enfrentados pelos discípulos de Cristo. Necessitamos, por isso mesmo, atentar para a ordem pronunciada por Ele.

Ao dizer “Eis que envio sobre vós”, Jesus apresenta-Se como aquele que enviaria o Espírito Santo. Este seria o Seu substituto, exaltaria Sua obra e ensino e, agindo nos homens, elevaria o evangelho a dimensões grandiosas.

Somente o Espírito Santo poderia eternizar as boas novas da salvação em corações endurecidos, fazendo o cristianismo triunfar. Enquanto, porém, não fosse concluída na cruz a obra da salvação, a promessa não se cumpriria. Assim como sem Páscoa não haveria Pentecoste, sem o Calvário o Espírito Santo não viria.

Conforme diz R. N. Champlin, “por meio de Sua exaltação e glorificação, Jesus Se tor-

nou 'Senhor' universal, e é por meio dEle que flui o ministério do Espírito Santo" (*O Novo Testamento Interpretado*, vol. II, pág. 390).

Só Cristo pode enviar o poder do Espírito Santo. Nossos olhos devem dirigir-se a Ele, e nEle devem concentrar-se todas as nossas esperanças.

Para um mundo que vive apressado, a ordem "permaneçei, pois na cidade", pode

soar um convite à inatividade, mas era uma atitude absolutamente necessária para o sucesso da comissão evangélica. A grande questão levantada na segunda parte do verso é a condição para o recebimento do Espírito. Está claro que tal condição é basicamente ligada à comunhão mantida com Jesus. Através dessa comunhão, os discípulos colocaram-se exatamente onde precisavam estar para que a promessa neles se cumprisse.

Não vejo possibilidade do Espírito San-

to ter sido derramado sobre os discípulos, se estes, na qualidade de ministros, estivessem afoitamente envolvidos em negócios seculares e não tivessem permanecido em comunhão com Cristo. É através dessa comunhão que O contemplamos, "e em Sua contemplação será esquecido o próprio eu" (*Caminho a Cristo*, pág. 45). Quando o eu é esquecido, negam-se alvos particulares, abrindo-se, em lugar do egoísmo, a solicitude pelo bem da Igreja. Os discípulos precisavam passar por essa experiência, a fim de terem o sucesso garantido na missão que lhes fora confiada.

A comunhão com Cristo é, para nós, arautos da verdade, tão indispensável quanto foi para os discípulos, e embora estejamos inevitavelmente envolvidos no corre-corre da vida, não podemos esquecer que Jesus nos chama à parte, desejoso de estar conosco. É através dessa ligação vital que se abrirão os canais para a nossa unção no Espírito Santo.

Poder do alto

Após apresentar-nos a Jesus como a fonte do cumprimento da promessa do Espírito, e a comunhão com Ele como a condição para a sua concretização, a última parte do verso de Lucas implica uma séria advertência: "Até que do alto." A tendência de apegar-nos aos recursos humanos, desprezando

o poder que vem do alto, é reprovada pelo Céu. Nossa força vem do alto. É inútil buscá-la aqui embaixo.

Todos os recursos disponíveis são nada, sem o poder do Consolador. Todos os métodos não passam de frios esquemas, sem a Sua direção. Tentar concluir a Obra sem a Sua capacitação é candidatar-nos ao fracasso. Não podemos inverter a ordem das prioridades, sob pena de pagarmos um elevado preço: "a ausência do Espírito é que torna tão destituído de poder o ministério evangélico. Pode possuir-se

erudição, talento, eloquência ou qualquer dom natural ou adquirido; mas, sem a presença do Espírito de Deus, nenhum coração será tocado, pecador algum será ganho para Cristo." (*Testemunhos Seletos*, vol. III, pág. 212). É-nos dito ainda: "Os que se acham vazios do Espírito Santo não podem ser atalaias fiéis sobre os muros de Sião; pois estão cegos quanto à obra que deve ser feita, e não dão à trombeta um somido certo." (*Mensagens Escolhidas*, vol. III, pág. 57).

"O que precisamos é o batismo do Espírito Santo. Sem isto, não estamos mais habilitados a sair ao mundo do que estavam os discípulos depois da crucifixão do Senhor." (*Mensagens Escolhidas*, vol. I, pág. 411).

Neste momento decisivo da História, resta-nos uma saída vitoriosa. Através da comunhão com Cristo, estaremos colocados exatamente onde o Espírito Santo pode nos ungir, pois, somente assim podemos ter sucesso na finalização de nossa tarefa missionária.

**Todos os recursos
disponíveis são nada,
sem o poder do
Consolador.**

**Todos os métodos não
passam de frios
esquemas, sem a
Sua direção.**

**Tentar concluir a
Obra sem o Espírito
é candidatar-nos
ao fracasso.**

O desafio sul-americano

ZINALDO A. SANTOS
Editor da revista *MINISTÉRIO*

A Divisão Sul-Americana é uma das muitas regiões do mundo que tem marcado preciosos pontos na marcha da Missão Global. Mas isso não quer dizer que todos os lugares respondem da mesma forma ao evangelismo. Ainda existem barreiras a serem transpostas. Paraguai é o nome de uma delas; aliás, da maior delas.

Com uma população de 4.240.613 habitantes, esse país apresenta a proporção de um adventista para 828 Não adventistas, um dos mais desafiadores índices do mundo. Passados 90 anos de penetração da mensagem do advento, através de colportores, a Igreja está representada por uma Missão, liderada pelos Pastores José Hage, presidente; Carlos Gimenez, secretário-ecônomo; assessorados por dois departamentais. Além do evangelismo, a equipe supervisiona as atividades de dois sanatórios, um situado em Hohenau, na região Sul, e outro na capital; 14 escolas, uma das quais secundária, e 78 professores; 66 colportores, 15 distritos pastorais e 14 clubes de desbravadores.

Segundo relatório da União Austral, “seis lugares novos foram alcançados, sete estão em fase de conquista, quatro se encontram em desenvolvimento, e 15 não possuem um adventista sequer”.

Evangelismo na capital

Como o Projeto Missão Global foi estabelecido para enfrentar desafios, a União Austral foi em frente e planejou uma Campanha de Evangelismo Metropolitano para a cidade de Assunção, capital federal, onde a proporção é de um adventista para 453 não adventistas. A meta era estabelecer cinco novas congregações: os bairros Villa Morra, San Pablo, Mariano Alonso, e as cidades de San Lorenzo e Capiatá, na Grande Assunção. Depois de três meses em fase preparatória, a campanha entrou em sua fase de proclamação, no dia 24 de setembro.

O ponto principal de pregação foi o aristocrático bairro de Villa Morra. Ali foi alugado

um anfiteatro, onde pregou o Pastor Carlos Rando, evangelista da União Austral, auxiliado pelo Pastor Cesar Camacho, distrital de Vista Alegre. O bairro Mariano Alonso deveria receber como pregador, num templo recém-construído, o Pastor José Mascarenhas Viana, evangelista da Divisão Sul-Americana; que, por razões de saúde, acabou substituído pelos Pastores José Lopez, da Igreja Central; e Leandro Benitez, do distrito de Caaguazu. O Pastor Tomás Ricardi foi o pregador do bairro San Pablo, e os Pastores Miguel Cáceres, distrital; e Osório Pereyra, evangelista da Missão Paraguaia, pregaram respectivamente em San Lorenzo e Capiatá.

Cada evangelista tinha uma equipe que variava entre quatro e seis obreiros bíblicos, entre os quais figuravam nove teologandos da Universidade del Plata, na Argentina.

A fase preparatória da campanha envolveu a maior parte dos membros das igrejas de Assunção, que se lançaram ao trabalho de fazer pesquisas, distribuir literatura de casa em casa, em busca de interessados. Ainda que o número de inscrições tenha sido considerado alto, a presença do povo nos locais de pregação foi bastante reduzida, verificando-se uma média de 60 a 100 pessoas, dependendo do local.



Pastor Carlos Rando.

O lado positivo disso, no entanto, é a total inexistência do sentimento de fracasso ou desânimo. Pelo contrário, o entusiasmo não morreu e está sendo recompensado com o surgimento de batismos. É bem verdade que eles não acontecem numa enxurrada tão comumente verificada em certas regiões da Divisão Sul-Americana, mas são qualitativamente marcantes e animadores. No caso do bairro Villa Morra, por



Pastor Osório Pereyra: batismo em Capiatá, Paraguai.

exemplo, foram batizados alguns educadores, entre os quais a proprietária de um prestigiado colégio do bairro, e um psicólogo.

Além disso, a cidade ganhou quatro templos novos, que abrigarão congregações em crescimento.

Novas portas abertas

Se a resposta aos métodos tradicionais mostra-se aquém das expectativas, Deus está encarregando de abrir outros caminhos, milagrosamente. Em Marechal Estigarribia, no interior paraguaio, foram descobertas 10 famílias que se diziam pertencentes a uma suposta “Igreja do *Conflito dos Séculos*”. Depois de ler o conhecido livro, alguém adotou e propagou a mensagem ali impressa. Conseguiu adeptos e assim se nomearam “Igreja do *Conflito dos Séculos*”. Localizados por adventistas, atualmente recebem assistência espiritual e evangelística.

Uma “maratona bíblica”, realizada numa praça de Assunção pelos jovens da Igreja Central, atraiu a atenção de um líder da comunidade indígena guarani, situada na Zona del Chaco – região central e mais tropical do país –, que se encontrava no local. Mantidos os contatos iniciais, descobriu-se um grupo de 150 famílias nativas às quais está sendo prestada a devida assistência. O trabalho aí mostra-se tão promissor que a Mesa Administrativa do Campo já nomeou um pastor (o primeiro) para trabalhar na região. “Dali esperamos uns duzentos batismos, muito brevemente”, anima-se o Pastor Gimenez.

Outro fato providencial aconteceu envolvendo o Pastor Tomás Ricardi. Ao lado de seu núcleo de pregação, o bairro San Pablo, hospedou-se o líder de outra comunidade

guarani, esta mais desenvolvida e situada em Caaguazu, a 250 quilômetros de Assunção. Enquanto permanecia em casa de familiares, o homem resolveu assistir a um dos programas. Gostou, e convidou o Pastor Ricardi para falar em sua localidade, pois o pastor menonita que lhes dava assistência, falecera; e pastores pentecostais que posteriormente ali se apresentaram, inexplicavelmente os abandonaram. Havia um detalhe: o pastor teria de falar no idioma guarani, o único aceito entre a comunidade. E isso o Pastor Ricardi faz com impressionante fluência, felizmente.

Agora, todos os domingos pela manhã, um grupo de 40 pessoas ouvem a mensagem adventista em guarani. A Missão imprimiu coletâneas e adquiriu exemplares do *Novo Testamento*, em guarani. O Pastor Ricardi e o Pastor Leandro Benitez, distrital da região, estão animados com as perspectivas.

Futuro animador

Na esteira de possibilidades que se abrem, está a implantação de uma base da Rádio Mundial Adventista no país, considerado estratégico para se alcançar populações de falas castelhana e portuguesa.

Tudo isso faz crer que o Paraguai é uma barreira que será transposta, como outras ao redor do mundo. Espera-se que novas estratégias sejam criadas para fazer frente às exigências do momento.

O ânimo da liderança e dos irmãos paraguaios continua de pé. Os obstáculos do momento são apenas um convite à reflexão e ao empreendimento de mais redobrados esforços. “Quem sabe, Deus nos está convidando a estudar novos métodos de abordagem”, pondera o Pastor Osório Pereyra.

Fatores de crescimento ministerial

NERIVAN F. SILVA

Pastor da Igreja Central de
Fortaleza, CE.

Certa noite, quando ainda era um seminarista, comentava a respeito de um trabalho rotineiro de classe, com outro colega, quando fui surpreendido com uma pergunta sua: "Será que nossa comunhão com Deus tem sido tão intensa quanto a nossa dedicação aos requisitos escolares?" Confesso que isso me fez refletir bastante.

Hoje, tenho o privilégio de integrar o quadro de obreiros da Igreja de Deus, e, sem esquecer-me daquela noite, continuo fazendo a mesma interrogação, devidamente contextualizada: Será que nossa comunhão com Deus tem sido tão intensa quanto a nossa dedicação às atividades ministeriais? É natural que essa pergunta cause alguma preocupação aos ministros.

É possível alguém pregar uma verdade sem ser santificado por ela? Pode um pregador levantar-se diante de uma congregação, falar, por exemplo, sobre o salmo do pastor, sem conhecer o Pastor do salmo? Sim, lamentavelmente, é possível.

Falando sobre a vida devocional do ministro, Ellen White declara: "O poder convertedor de Deus deve sobrevir ao coração dos ministros, ou estes devem procurar outra vocação. ... Digo-vos claramente, irmãos, que a menos que os nossos ministros sejam convertidos, nossas igrejas serão doentias e estarão prestes a morrer." (*Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, págs. 142 e 143).

Advertências oportunas

Nessas palavras, pelo menos dois aspectos são evidentes: primeiro, o desempenho da missão pastoral é baseado numa genuína conversão. Segundo, o estado espiritual das igrejas está intimamente relacionado com o conteúdo espiritual do próprio ministro.

De fato, a genuína conversão é uma necessidade primária na vida do pastor. A menção disso nos faz recordar as palavras de Jesus, dirigidas a Pedro: "Tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos." (Luc. 22:32). Mesmo fazendo parte do privilegiado grupo de discípulos de Jesus, Pedro era um ser humano, sujeito às mesmas tentações às quais estão expostos todos os membros da Igreja. Foi exatamente por negligenciar a comunhão com Deus, que ele, naquela noite de quinta-feira quando o Mestre foi preso, seguindo-O de longe, acovardou-se diante de uma criada, e O negou três vezes (Luc. 22:54-62).

Escrevendo a Timóteo, Paulo advertiu: "Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina..." (I Tim.4:16). Está implícito nessa declaração, o fato de que o cuidado de si mesmo precede o cuidado do rebanho. Apesar de todo o preparo intelectual que possui, o ministro jamais deve olvidar a realidade de que é humano, e, como tal, pode tornar-se presa do inimigo. Só a graça de Cristo é suficientemente poderosa para sustentá-lo no cumprimento da missão que lhe foi confiada. Dessa graça ele necessita depender constantemente. "Sem Mim, nada podeis fazer", disse Jesus (João 15:5).

Bíblia e oração

No intuito de cumprir cabalmente suas tarefas, muitos ministros passam por alto aspectos importantíssimos para seu crescimento espiritual. Um deles é o estudo da Bíblia. Diz Ellen White, falando de seu tempo: "Foi-me mostrado que da parte dos ministros de todas as nossas associações, há negligência no estudo das Escrituras." (*Idem*, pág. 148). A idéia de que um ministro assuma o púlpito de uma congregação, abrindo-lhe a Bíblia, apenas pelo vínculo



profissional, é simplesmente inconcebível.

A oração é outro aspecto fundamental na vida de um pastor. O ministério torna-se um deserto árido, sem prática da oração. Sammy Tippit declara que “o primeiro sinal de que um escândalo atingiu o Céu, é a ausência de oração”. (*O Fator Oração*, pág. 18). Dar-se-á o caso de que na ansiedade para atualizarmos, através dos grandes tratados teológicos, na pressa para realizar trabalhos administrativos do distrito, e mesmo pastorais, na rotina de preenchimento de relatórios estatísticos, tenhamos escandalizado o Céu, com a ausência de oração em nossa experiência diária?

“O pecado da ausência de oração é a prova para um cristão comum, e mesmo para um ministro, de que a vida de Deus na alma está seriamente enferma e fraca”, acrescenta Tippit.

Cuidado da família

Em seus conselhos ministeriais a Timóteo, Paulo não omitiu o cuidado da fa-

mília. Disse ele: “Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos de sua casa, tem negado a fé, e é pior do que o descrente.” (I Tim. 5:8).

Antes de procurar desincumbir-se das atividades relacionadas com o distrito, congregações, instituições ou quaisquer outros organismos denominacionais, o ministro tem um rebanho digno de sua atenção prioritária – sua família.

Em virtude da amplitude das atividades nas quais estão envolvidos, muitos obreiros existem que acabam negligenciando a proteção da família. Vivem, até diligentemente, a experiência de procurar salvar outras famílias, ao passo que os seus estão desgarrados como ovelhas sem pastor. “Os deveres do ministro jazem em torno dele, pró-

ximos e distantes. Mas seu primeiro dever é para com seus filhos”, diz Ellen White.

Um dia, poderemos ouvir a pergunta: “Onde está o rebanho que te foi confiado, o teu lindo rebanho?” (Jer. 13:20). Que resposta lhe daremos?

A extensão do distrito, o acúmulo de atividades burocráticas e administrativas; nada há que justifique a colocação da família num plano secundário no programa de um ministro. “Coisa alguma pode desculpar o ministro de negligenciar o círculo interior, pelo mais amplo círculo externo. O bem-estar espiritual de sua família vem em primeiro lugar.” (*O Lar Adventista*, pág. 353).

É necessário, portanto, que o ministro tenha um programa pessoal de trabalho devidamente equilibrado, e que respeite as devidas prioridades – Deus, família e distrito. Exatamente nessa ordem. Tal equilíbrio é extremamente necessário, porque “...fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (I Tim. 4:16).

Como pastorear cordeiros

MARENOS SCHMIDT

*Pastor e psicólogo,
professor no IAE-São Paulo.*

Eu queria falar sobre o meu filho”, disse a mãe com profunda preocupação. “Sabe, pastor, não sei o que fazer com ele. Perdemos o controle sobre ele. Não quer colaborar com nada em casa, dorme o tempo todo, ou fica ouvindo música com aquelas coisas no ouvido. E agora, para complicar mais, nega-se a acompanhar-nos para as reuniões. Diz que não se interessa mais por nada. Por favor, ajude-me!”

Aí está o pastor diante de uma situação para a qual ainda não tem saída. Decide ter uma entrevista com o garoto. No dia marcado, encontram-se frente a frente, na sala pastoral. Tenta dar algumas orientações para que pense mais em seus pais, e procure acompanhá-los à igreja. Sugere que se integre ao grupo de jovens, mas fica horrorizado quando ouve as acusações que faz à sua família. Dá mais alguns conselhos, pondo a mão no ombro do rapaz, e encerra o encontro.

É claro que nenhuma mudança acontecerá como resultado dessa entrevista. Simplesmente porque o pastor não dispunha de outros elementos, além de sua atitude estereotipada e paternalista.

Não é fácil trabalhar com adolescentes; porém, fazê-lo é um desafio emocionante e sem dúvida compensador. A sociedade de consumo descobriu que os adolescentes são um tremendo mercado potencial de música, roupas, drogas, diversões, carros, motos, eletrodomésticos, etc. Os movimentos revolucionários têm em suas fileiras um grande número de adolescentes, capazes de dar a vida por suas idéias.

A adolescência como etapa da vida é um tanto desordenada, porque busca a auto-afirmação, o encontro da própria personalidade,

compondo-se de várias fases. Hoje, devido às modernas formas de vida, estima-se que seu início aconteça entre 12 e 13 anos, prolongando-se quase até os 24.

Por razões didáticas, limitaremos nossos comentários ao período da adolescência propriamente dita, ou à sua primeira fase: a do crescimento físico-biológico, das adaptações e das grandes controvérsias, que termina por volta dos 17 anos. Ao lado disso, indicaremos algumas condições de liderança pastoral, que possibilitem uma tarefa produtiva.

Líder qualificado

Quem quer que trabalhe com adolescentes necessita possuir certas qualidades especiais, que tornarão mais frutífero o trabalho realizado. Um pastor, ou qualquer outro líder, que não pondere as atitudes estereotipadas de adulto para com um adolescente, com certeza fracassará em sua tarefa. Algumas condições devem ser levadas em conta:

• Preferencialmente, um casal deve trabalhar com adolescentes. Assim poderá ser-lhes apresentado um modelo heterossexual sem distorções. Quando apenas uma pessoa assume a tarefa, ela poderá enfrentar problemas em virtude de não poder relacionar-se profundamente com outro sexo, dificultando, dessa forma, o desenvolvimento heterossexual do adolescente.

• O líder necessita ser solidamente amadurecido, pois será visto como modelo.

• Amor, flexibilidade e paciência são indispensáveis. Amor para aceitar o adolescente como ele é, e envolver-se constantemente em cada atividade. Paciência para recomeçar tudo de novo, se necessário; dar-

lhe outras oportunidades de recuperação e, mais importante, ouvir suas confissões. Flexibilidade para aceitar as constantes mudanças. Sem isso, o jovem perceberá que não é aceito, mesmo que lhe seja dito o contrário.

• O líder precisa conhecer o adolescente, suas características físicas, sociais e emocionais; suas formas de pensar, seus ideais e especialmente seu código de comunicação.

• Deve possuir preparo para saber quais são as necessidades, os ideais e conflitos do adolescente, bem como os meios de solucioná-los.

• Livrar-se dos clássicos estereótipos da adolescência, tais como: “o adolescente é perigoso ou está em perigo”; “só pensa em sexo”; “é um indivíduo sem adaptação”; “é um objeto perdido na idade adulta”. Em muitos casos o adolescente já incorporou esses estereótipos em si mesmo.

• Não desenvolver uma atitude paternalista ou diretiva, mas apresentar-se como alguém com quem o adolescente pode interagir com confiança. Isso facilitará o intercâmbio de idéias, expressão dos problemas pessoais, familiares ou sociais.

• O líder deve possuir empatia. Essa qualidade é essencial para se trabalhar com êxito.

Além e acima de tudo isso, o líder necessita possuir o amor de Cristo. Se ele é um jovem, poderá fazer o trabalho com mais facilidade. Porém, se é um veterano, talvez encontre dificuldades, pois não lhe será fácil mudar suas atitudes e maneira de pensar, para que possa entender e viver as atitudes e os pensamentos de um adolescente.

Esta fase é um período de crise, que leva à procura de um novo equilíbrio da personalidade. Como esse processo acontece dentro de uma sociedade mutável, nós enfrentamos dois problemas: a crise da adolescência na sociedade em que está inserida, e a crise da sociedade da qual todos participamos. O pastor deve considerar tais elementos, a fim de poder entender o adolescente em sua totalidade. As características desumanizantes e liberais da sociedade impedem que o adolescente administre o conflito num plano institucional e social. No entanto, a Igreja, como comunidade, deve oferecer um meio estável, moderado e humanizante, através do evangelho de Cristo.

Busca de identidade

Ao entrar na adolescência, o indivíduo enfrenta um problema – a perda do seu corpo de criança. Cresceu, perdeu a antiga agilidade, e está sempre cansado. Como às vezes não compreende o que aconteceu consigo mesmo, necessitará de muita paciência e compreensão. Deverá ser tratado como pessoa, e auxiliado, para que o grupo não o menospreze por causa das mudanças físicas, tiques, fobias e nervosismo tão característicos dessa fase.

O desconhecimento do corpo e a falta de agilidade podem ser superados com atividades esportivas e artísticas. O adolescente necessita de muita atividade e exercícios com o seu corpo, bem como aprender a expressar-se com ele. A ginástica, os esportes em grupo, natação e o atletismo ajudarão na formação física e na busca de identidade.

Algumas anormalidades podem acontecer com certa frequência, mas o líder deve estar preparado para enfrentá-las. Durante essa fase, os juvenis freqüentemente sentem dores de cabeça ou estômago, puxam os cabelos ou roem as unhas. Entre os 12 e 14 anos, no caso das meninas, acontece a menarca. Ninguém precisa assustar-se demasiadamente porque uma menina se junta aos garotos em brincadeiras e jogos, e mostra pouca feminilidade; nem porque os garotos se juntam em grupos e se mostram hostis para com as garotas. São características próprias do período.

O menino tem dificuldades nos seus movimentos. Alguns são inquietos, possuem grande voracidade e não são muito íntimos da limpeza. Andam com o cabelo desalinhado e a roupa desarrumada. O pastor desses meninos e meninas precisa cuidar em orientá-los; sem dizer-lhes o que os pais constantemente dizem, para não fracassar em seu trabalho.

Os adolescentes gostam de usar uma linguagem diferenciada e, muitas vezes, incorreta. Parecem ter necessidade de se vestir uniformemente. Isso acontece porque não têm ainda uma identidade pessoal definida, e assim se identificam com a moda coletiva. Sentem-se parte de um grupo. Se a igreja não lhes oferece ajuda na busca de uma identidade positiva, vão procurá-la em outro lugar, na primeira esquina, onde possivelmente estarão homossexuais, drogados, assaltantes e delinquentes. O jovem prefere ser

mau do que não ser nada. Necessita de modelos, e é importante que a igreja ofereça modelos de líderes, inspirados em exemplos bíblicos, os quais serão imitados.

No começo da adolescência, as amizades são idealizadas e escolhidas dentro do grupo do mesmo sexo. Portanto, é muito importante que a escolha seja feita dentro de um grupo cristão. Também existe a possibilidade de atração pelo sexo oposto, surgindo uma

repentina paixão. Na maioria dos casos essa paixão mantém-se passiva, embora a sociedade esteja incentivando, e até forçando, a iniciação precoce no amor e no sexo. Esse aspecto do desenvolvimento não deve ser perseguido e nem incentivado. Não é pecado que um adolescente goste de uma garota, e logo em seguida goste de outra, ou vice-versa. Trata-se de uma necessidade para seu desenvolvimento normal. Pais, pastores e líderes devem, entretanto, levantar princípios que funcionem como barreira à promiscuidade.

O adolescente está em luta porque "perdeu" os pais de sua infância. Aqueles que eram perfeitos e tudo podiam, são vistos agora como passíveis de engano. Conhecer isso é importante, para que o líder não se assuste nem se escandalize com as acusações que os filhos fazem aos pais. O pastor não deve se colocar no lugar do pai, como rígido controlador, mas apresentar-se como companheiro afetuoso e discreto, como uma ajuda na busca da autonomia do adolescente.

Identidade sexual

Durante a fase pré-adolescente, verifica-se um aumento qualitativo de uma pressão instintiva, que dá início ao desenvolvimento da função genital. Se o adolescente não recebeu instruções claras e precisas sobre a sexualidade, deverá receber exatamente neste momento de transição. Do contrário, ele as receberá na rua, ou através dos colegas na escola, de forma distorcida e deteriorada.

Se o líder não se acha um especialista

neste campo, deve convidar alguém em melhores condições. Um médico por exemplo, se encarregaria dos aspectos físicos e biológicos, enquanto o pastor falaria sobre ética e moral sexuais. É bom lembrar que o adolescente vive uma fase de contestações, na qual até mesmo as orientações bíblicas podem ser questionadas.

A formação de grupos heterossexuais de adolescentes é uma premissa fundamental

para o desenvolvimento da personalidade, pois lhe dará condições de estabelecer sua identidade sexual. Um grupo de garotos poderá ser prejudicial, pois acentuará características homossexuais. No entanto, um grupo misto deveria ser dirigido por um casal, para que cada componente possa ter seu modelo e confidente. Nenhuma atitude da parte do líder deve ser tomada no senti-

do de forçar a formação de tais grupos. Os próprios adolescentes tomarão a iniciativa.

Como nesta etapa verifica-se um aumento da energia sexual, o pastor necessita desenvolver uma programação que lhes ajude a sublimar essa energia, canalizando-a para outras atividades, físicas e esportivas. Mas existem outros tipos que podem ajudar, como a arte, trabalhos manuais e a intelectualização. Sempre haverá alguns que adotam atitudes puritanas, rejeitando tudo o que esteja vinculado à música, aos esportes e à recreação. Mostram-se demasiadamente preocupados com a alimentação e acordam cedo. Tudo isso para mortificar a carne. Nada há de errado em tais atitudes, mas não são normais na adolescência. Nesse caso, o adolescente envolvido deverá ser orientado a viver normalmente em relação aos de sua idade.

As faculdades intelectuais dos adolescentes se desenvolvem mais rapidamente do que imaginamos, e cedo começam a discutir temas abstratos como amor, amizade, casamento, política e liberdade. Espera-se que o líder tenha bom conhecimento desses assuntos, para tratar com eles numa perspectiva bíblica, oferecendo literatura de interesse. Esta é uma ocasião que não deve ser desperdiçada, na qual temas básicos

**Ao trabalhar com
adolescentes, o pastor
não deve colocar-se no
lugar do pai, como rígido
controlador, mas
apresentar-se como
amigo afetuoso e
discreto.**

para a vida podem ser debatidos sob um enfoque bíblico.

Um dos pontos interessantes é o gosto por ser igual ao grupo a que pertence. Tal atitude protege o jovem de suas ansiedades. Sendo igual ao grupo, estará protegido da ridicularização, e assim estará de bem consigo mesmo e com o próprio grupo. É preciso ter cuidado para não dividir o grupo. Por exemplo, um garoto que começa a se afastar porque está ficando gordo e tem medo de ser ridicularizado, passará a ter uma vida solitária, que lhe trará futuramente sérios problemas de relacionamento. O papel do líder é integrar o grupo.

Outra situação que o adolescente encontra para regular suas tensões instintivas é a masturbação, muito freqüente entre meninos e meninas. Como diz Paul-Eugène Charbonneau, em seu livro *Adolescência e Sexualidade*, a porcentagem de adolescentes que iniciam sua puberdade masturbando-se é extremamente elevada. Porém necessitamos ter em mente que não é porque um grande número de pessoas fazem uso de uma determinada prática que ela deva ser considerada

normal. À medida em que se desenvolve o amadurecimento heterossexual, esse problema deve ser superado. Sempre que for possível, ele deve ser tratado de forma individual, com oferecimento de ajuda de acordo com as necessidades, sem levar ao ridículo ou aumentar a inibição.

O desenvolvimento físico e intelectual de um jovem exige que se proporcione uma série de atividades que sejam construtivas para ele. O lugar onde são realizados os encontros deve possibilitar a prática de vários esportes. Se a igreja não oferece condições, que seja providenciado outro lugar. Na medida do possível, durante os jogos deverão ser criadas condições para que garotos e garotas participem juntos da mesma atividade, proporcionando assim, maior integração entre ambos os sexos.

Como apreciam também aventuras, os acampamentos serão sempre bem aceitos pelos adolescentes. Além de saídas em gru-

pos para passeios ou trabalhos comunitários. Se houver possibilidade, um conjunto musical, vocal ou instrumental poderá ser um bom motivo para ter os adolescentes envolvidos em alguma atividade. Uma biblioteca com livros que atraíam seu interesse também é importante.

Finalmente, a adolescência é uma fase em que Jesus Cristo será muito bem aceito, desde que o cristianismo seja vivido pelos pais e pelos líderes. As decisões tomadas nessa fase perduram por toda a vida.

Sugestões finais

A pós estas considerações, achamos por bem sugerir algumas coisas, conforme segue:

**Cristo é sempre
muito bem
aceito pelo
adolescente;
desde que seja
visto na vida dos
pais e dos líderes.**

• Realização de estudos, conferências ou reuniões, onde sejam discutidos temas interessantes como amizade, amor, política, vocação, liberdade, autoridade, justiça, namoro, casamento, sexualidade, guerra, democracia; enfatizando o ponto de vista da Bíblia sobre todos esses assuntos, como solução para os problemas do ser humano.

• Realização de classes sobre o desenvolvimento sexual do homem e da mulher. Nessa ocasião, os participantes deverão estar separados por sexo, principalmente se forem pré-adolescentes, o que lhes dará mais liberdade de expressão.

• Criar condições de participação dos adolescentes em algum serviço de orientação vocacional.

• Evangelização. Esse é um dos trabalhos mais difíceis de ser feito, se o líder não for espontâneo e dedicado.

O pastor, ao trabalhar com adolescentes, poderá ver em cada um deles a consolidação de uma personalidade firme, de um caráter nobre, que sem sombra de dúvida estará sendo formado para a eternidade. O líder que proporcionou as condições favoráveis para tal amadurecimento estará então recebendo as bênçãos e recompensa do trabalho realizado. O trabalho não é fácil, mas Deus pode conceder sabedoria para realizá-lo.

AFAM

Tributo a uma esposa

KEVIN WILFLEY



Salomão, ao descrever as qualidades de uma mulher ideal, começa afirmando: “Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de finas jóias.” (Prov. 31:10). E continua, nos versos seguintes, enumerando itens específicos que caracterizam essa “mulher virtuosa”.

Segundo a descrição feita pelo sábio, a

mulher virtuosa é capaz de assumir responsabilidades e deveres em quaisquer áreas da vida. Não esquecendo, obviamente, o lugar que constitui seu reinado principal, seu primeiro campo de trabalho missionário – o lar.

Posso dizer que essa mulher existe. E nem precisamos procurá-la através da realização de algum feito estrondoso. Não raro,

ela trabalha anônima, realizando coisas simples, ao olhos do mundo, mas que valem a eternidade. Assim, muitas mulheres, nas fileiras voluntárias da Igreja, ou integradas ao ministério pastoral, podem ser vistas no quadro pintado por Salomão.

Como um ministro, serei eternamente agradecido a Deus pela esposa que providenciou para mim. Dolly realiza muitas pequenas coisas as quais aprecio muito. Talvez, ao tomar conhecimento dessas pequenas coisas, você até ache que não são assim tão especiais, mas para mim elas representam mais uma prova, entre tantas, do seu amor.

Ontem, apanhei uma camisa no guarda-roupas e pensei nas centenas de vezes nas quais ela tão cuidadosamente a dobrou, bem como as outras, e fiquei muito feliz. Confesso que eu, dificilmente, sou cuidadoso com minhas próprias roupas. Mas elas estão sempre limpas, bem passadas, e arrumadas.

Hoje, tomei um delicioso desjejum. Quantas centenas, talvez milhares, de pratos suculentos saboreei durante estes anos todos em que estamos casados. Oh, Deus, muito obrigado por Dolly!

Pequenas e grandes realizações

Entre outras pequenas coisas que ela faz por mim menciono a manutenção da casa sempre limpa, apesar de termos três crianças muito ativas que constantemente estão lutando entre si. Ainda assim, ela encontra tempo para cultivar lindas violetas africanas e de vez em quando dedilhar músicas suaves e românticas ao piano. Está sempre atraente; sempre a vejo linda, e me recebe à porta, após um dia fatigante de trabalho, entre beijos e abraços.

Penso às vezes em quantas chamadas telefônicas ela atendeu para mim, ao longo dos anos. Quantas pessoas foram ajudadas por ela. Realmente, estou muito agradecido por esses detalhes.

Há outras coisas importantes que ela realiza ou realizou em meu favor. Coisas realmente grandes. Por exemplo, trabalhou arduamente para que eu conseguisse concluir a Faculdade. Sou a única pessoa em minha família a ter um curso superior, e dedico meu reconhecimento a Dolly, por seu apoio constante. Três ou quatro vezes no desempenho do meu ministério, quando as coisas pareciam ir de mal a pior, apesar das tremen-

das lutas enfrentadas, ela dizia: "Estou certa de que Deus lhe chamou para ser um ministro. Não deixe escapar nenhuma palavra de dúvida. Amo você, e não importa o que os outros pensem acerca de você e de seu ministério."

Instrumento do Espírito

Certa ocasião, quando me sentia no fundo do poço mais escuro da depressão, paralisado pelo medo e desespero, noites insones, sem disposição para comer nem pensar, Dolly esteve presente com sua palavra infalível de ânimo e consolo: "Confie em Deus. Sei que tudo isso terminará bem", disse ela.

Deixando de lado, por um momento, todos os seus afazeres domésticos, sentou-se junto a mim durante um longo período. Então, orava comigo e por mim. Enlaçando-me com seus braços enquanto orava, ela foi o instrumento do Espírito Santo para trazer-me consolo. Num momento de tristeza, ela agiu como minha defensora e amiga naqueles dias tão obscuros. Muito obrigado, Deus, pela esposa virtuosa que me deste.

Rio silencioso de amor

Sei perfeitamente que alguns que a conhecem à distância dirão que ela não é, na realidade, uma grande esposa de pastor. Porque ela não organiza nem toma parte em muitas atividades da igreja. Não leciona para classes de juvenis, primários ou infantis. Não promove almoços para o "Dia das Visitas". Não me acompanha muitas vezes em visitas pastorais. Porém, ela me ama e ama a nossos filhos. Mantém nosso lar sempre alegre, tornando-o um ambiente afetuoso, para nós e para todos quantos de nós se aproximam, com seus ternos cuidados.

Talvez você não imagina quão maravilhoso é, depois de enfrentar corações frios e endurecidos pelo pecado, cada dia, voltar para casa e encontrar alguém que está cheia do Espírito Santo, e sentir rios de água viva e amor fluindo caudalosamente para mim.

Não sei o que você pensa, mas eu a considero uma esposa de pastor simplesmente extraordinária. Exagero? Não. Nem um pouco. E eu não contei nem a metade.

Só Deus pode tornar uma mulher virtuosa. E ajudar-nos a encontrá-la.

BIBLIOTECA DO PASTOR

THE ABUNDANT LIFE BIBLE AMPLIFIER – Vários autores, editada por Marvin Moore, Pacific Press Publishing Association; Boise, Idaho, Estados Unidos.

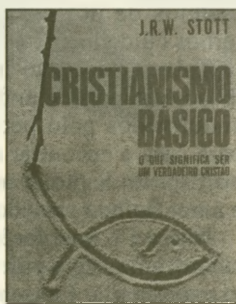
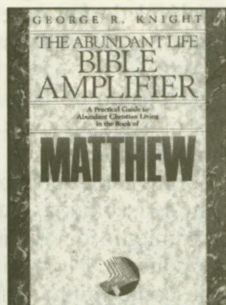
Possivelmente, como em nenhuma outra época, os estudantes da Bíblia dispõem hoje de instrumentos que facilitam a pesquisa e o máximo proveito devocional. O mais novo desses instrumentos é a *Abundant Life Bible Amplifier*, uma obra que oferece meios para interação pessoal do estudante com o texto bíblico, fácil e didática, idealizada em 40 volumes.

Matthew, editado por George R. Knight; *Hebrews*, por William Johnsson; *Titus & Timothy*, por Charles Bradford; e *Exodus*, por Jon Dybdahl; são os primeiros volumes, já publicados, da série.

Pastores, professores, profissionais liberais e membros familiarizados com a língua inglesa, podem valer-se desse material para estudos em pequenos grupos, devoção pessoal, reuniões de oração ou estudos bíblicos nos lares.

CRISTIANISMO BÁSICO – J. R. W. Stott, Edições Vida Nova, São Paulo, SP; 172 páginas.

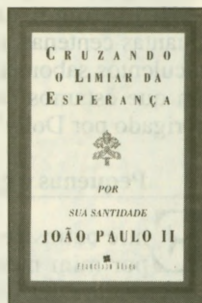
O ponto inicial deste livro é a figura histórica de Jesus. Ele era homem. Nasceu, cresceu, trabalhou, sofreu e morreu como os outros homens. Mas, era também Deus? Se Jesus não era Deus em carne humana, o Cristianismo rui por terra. Mas existem evidências acerca da deidade de Cristo – evidências firmes, históricas, que qualquer homem honesto pode subscrever sem cometer



suicídio intelectual. Esse é o tema do livro *Cristianismo Básico*, que ajuda a responder questões levantadas por pessoas que hoje se mostram amigas do Cristianismo, mas não estão convencidas quanto à sua veracidade. Suspeitam que não é intelectualmente respeitável.

CRUZANDO O LIMIAR DA ESPERANÇA – Vittorio Messori, tradução de Antônio Angonese e Ephraim Ferreira Alves, Livraria Francisco Alves Editora S.A., Rio de Janeiro, RJ; 209 páginas.

Trata-se de um depoimento do Papa João Paulo II a Vittorio Messori, durante o qual aborda vários temas. Leitura interessante para pessoas que desejam manter-se bem informadas acerca da posição do chefe da Igreja Católica a respeito de diversas questões.



COMO ESTUDAR A BÍBLIA – James Braga, Editora Vida, São Paulo, SP; 152 páginas.

É um livro de grande utilidade para quem está interessado num estudo mais profundo das Escrituras. Por intermédio de um quadro sucinto, o leitor poderá, num relance, apropriar-se de todas as informações relevantes contidas em qualquer livro da Bíblia.

O autor, James Braga, foi missionário na China. Durante muitos anos lecionou na Escola Bíblica Multnomah, da qual é agora capelão. Mora em Portland, Oregon, nos Estados Unidos.

